

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

PRISCILLA DA SILVA REINERT

**MEU CORPO VOLUMOSO COMO SUPORTE DA ARTE:
DISCUSSÃO SOBRE O *BULLYING* NA ESCOLA**

CRICIÚMA – SC 2017

PRISCILLA DA SILVA REINERT

**MEU CORPO VOLUMOSO COMO SUPORTE DA ARTE:
DISCUSSÃO SOBRE O *BULLYING* NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Graduado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira

CRICIUMA – SC, 22 NOVEMBRO 2017.

PRISCILLA DA SILVA REINERT

**MEU CORPO VOLUMOSO COMO SUPORTE DA ARTE:
DISCUSSÃO SOBRE O *BULLYING* NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do, no Curso de Artes Visuais da Universidade Grau de Licenciatura do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Pesquisa Processo e Poéticas do curso de Artes Visuais Licenciatura UNESC,

Criciúma, 22 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra em Ciências da Linguagem -
(UNISUL) – Orientadora

Prof.^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre - UNESC

Prof. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff- Mestre - UFSC

Dedico a todos os Professores, Amigos e familiares que compartilharam experiências e me ajudaram a superar meus obstáculos, contribuindo para meu crescimento pessoal.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao universo que rege nossas vidas e que nos conecta, nos move e nos permite viver.

Agradeço a minha mãe (Rita) por me proporcionar a oportunidade de um estudo adequado sem medir esforços e ter se dedicado esses anos todos, ao meu pai (Marquinhos) apesar de não estar mais entre nós sinto que ele estará para sempre em meu coração. Minha irmã (Daniela) e meu cunhado (Leandro) por sempre estarem do meu lado até nos momentos mais difíceis da minha vida me apoiando sempre, ao meu irmão (Alexandre) que por muitas vezes me ajudou. A minha sobrinha Liandra que carrego um carinho, amor e orgulho muito grande, aos meus sobrinhos Mateus e Murilo que me proporcionam momentos de alegria.

A minha professora, orientadora e amiga Kamo (Katuscia) que se manteve presente durante minha graduação, me guiou durante minha trajetória, contribuiu me auxiliando a expandir meu repertório em direções na qual obtive inspiração em algumas produções na reta final do curso. Muito obrigada, por acreditar em mim e no meu potencial desde o início, meu conhecimento é um reflexo do seu.

Agradeço também aos meus amigos, a amizade é um sentimento mais nobre e o mais raro de se encontrar e sinto que tenho a sorte de ter pessoas em minha vida que me proporcionam conhecimento, alegria e amor, que me dão afeto e carinho quando eu preciso.

Julio Cesar por sempre me mandar a real, sem restrições sem medo, me dando todo o carinho e incentivo que precisei, ao Léo que apesar de estar a 7.308 km de distância de mim, sinto ele a cada dia mais perto, sempre me proporcionando amor e atenção, a minha amiga e conselheira Joanna de Bem que acreditou em mim sempre, que me acolheu nos momentos necessários.

As pessoas que acompanharam minha graduação em especial a nossa menina May, Tais Rabelo e Daiane Paes, com quais dividi momentos de descontração e por me proporcionar ajuda quando precisei, o companheirismo ajudou e muito para meu crescimento pessoal.

A galera sapeca do CA (centro acadêmico de Artes) que me deram momentos de muita alegria e risadas descontroladas.

A Família Antimonipolio em especial ao papai Romulo e a mamãe Geise, me deram um outro sentido para a palavra família o vínculo vai além do sangue, vai além do DNA, acreditaram em mim até quando eu mesmo duvidei, compartilhamos ideologias, carinhos, e acima de tudo lealdade. Orgulho e gratidão é o que sinto por ter vocês do meu lado.

Agradeço ao professor Gustavo por se disponibilizar a ser minha banca e também por me proporcionar experiências únicas nas aulas de improvisação teatral, podendo enxergar o corpo de outra maneira, me proporcionando questionamentos e conhecimento, me sentindo viva a cada aula que frequento.

A Silemar que esteve a todo momento em minha trajetória na graduação de Artes Visuais, e por estar presente no momento mais importante o TCC. Obrigado por nunca me negar orientação quando precisei, por ser essa mãezona do curso e sempre estar disponível para nós acadêmicos de artes visuais.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de artes visuais UNESC, professores e funcionários, sempre dispostos a nos ajudar e proporcionar um ensino de qualidade.

E por fim, agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha vida de um jeito significativo.

A todos o meu MUITO OBRIGADO!

**“Vivi num mundo de homens guardando em mim
o melhor da minha feminilidade. ”**

BEAUVOIR, Simone de

RESUMO

A presente pesquisa traz como título “Meu corpo volumoso como suporte da arte: discussão sobre o bullying na escola”, inserindo-se metodologicamente na linha de Pesquisa Processo e Poéticas do curso de Artes Visuais Licenciatura UNESC, sua abordagem é artográfica e de natureza básica. Tem como problema de pesquisa ‘Como a arte pode promover mudanças na realidade do *bullying*’, de que forma os professores de arte podem criar condições por meio da arte para que os alunos percebam as relações estabelecidas a partir dos padrões de beleza imposto na sociedade dos dias atuais. As dificuldades de aceitação do corpo através dos padrões de beleza imposto pelo poder midiático, e como esse padrão afeta nossos alunos na escola. Apresento minha caminhada de produções de arte no decorrer do curso de graduação licenciatura Artes Visuais / UNESC, promovendo a reflexão sobre o meu corpo que dialoga com referências de corpos volumosos em algumas linguagens da arte, escultura e pintura de Fernando Botero, colagem de Richard Hamilton, série/filme ‘Os 13 porquês?’ e ‘O mínimo para viver’, imagens midiáticas, performance/dança de Jussara Belchior, fotografias de Camila Cornelsen e Fran Rabelo. Para contextualizar cito alguns teóricos, com base principal em Lopes Neto e Saavedra, Jean Baudrillard, Beatriz Ferreira Pires.

Palavras-chave: Professor Artista. *Bullying*. Corpo. Gordofobia. Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Print do Facebook Daniela Martins.	20
Figura 2 - The Young Family , 2002, Patricia Piccinini	30
Figura 3 - Revista Vogue de maio 2017	31
Figura 4 - Máscara mortuária do Faraó Tutankhamon	35
Figura 5 - Afrodite, em 340 a.C.	36
Figura 6 - Augusto de Prima Porta	37
Figura 7 - David de Michelangelo.....	38
Figura 8 - Mulher na cadeira – 1995	39
Figura 9 - Mulher deitada de lado - 2010	40
Figura 10 - Trapezista - 2008	41
Figura 11 - Trapezista - 2008	42
Figura 12 - O Mínimo para Viver - 2017	43
Figura 13 - Peso Bruto Jussara Belchior - 2017.....	44
Figura 14 - Revista: SOU MAIS EU – 2011.....	46
Figura 15 - Sem Título (2014) – Fotografia	50
Figura 16 - Sem Título (2014) – Fotografia	51
Figura 17 - Sem Título (2014) – Fotografia	52
Figura 18 - Gorda (2014) – Fotografia.....	53
Figura 19 - Sufoco (2015) – Escultura na Cabeça	54
Figura 20 - Habitat (2015) – Livro Escultura.....	55
Figura 21 - Habitat (2015) – Livro Escultura.....	56
Figura 22 - Sem Título (2016) – Performance	57
Figura 23 - Sem Título (2017)	58
Figura 24 - Sem Título (2017)	59
Figura 25 - Sem Título (2017)	61
Figura 26 - Sem Título (2017)	62
Figura 27 - Sem Título (2017)	63
Figura 28 - Sem Titulo (2015).....	64
Figura 29 - Sem Título (2015)	65
Figura 30 - Sem Título (2015)	66
Figura 31 - Sem Título (2017)	67

Figura 32 - Sem Título (2017)	68
Figura 33 - Print da Pagina do Instagran (2017)	69
Figura 34 - Sem Título (2017)	71
Figura 35 - Sem Título (2015)	72
Figura 36 - Dinheiro (2017)	73
Figura 37 - Isso é Amor (2017).....	74
Figura 38 - Padrão (2017)	76
Figura 39 - Selo Vergonha (2017)	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO SUJEITO	14
2.1 PROFESSOR/ ARTISTA AMPLIANDO OLHARES PARA O <i>BULLYING</i> NA ESCOLA.....	15
2.2 BULLYING – DEFINIÇÃO E SUAS RELAÇÕES.....	18
2.3 PESQUISA DE CAMPO COM PROFESSORAS DE ARTE: EDUCAÇÃO, CORPO E <i>BULLYING</i>	22
3 <i>BULLYING</i> – PADRÕES DE BELEZA IMPOSTOS PELA SOCIEDADE	29
4. CORPO NA ARTE: MEDIDAS E VOLUMES	35
4 MEU ERRO FOI SER GORDA? MEU ERRO FOI SER GORDA!	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
6.PROJETO DE CURSO: PROMOVENDO CRITICAS	79
6.1 EMENTA	79
6.2 CARGA HORÁRIA	79
6.3 PÚBLICO-ALVO.....	79
6.4 JUSTIFICATIVA	79
6.5 OBJETIVOS	80
6.5.1 OBJETIVO GERAL	80
6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	80
6.6 METODOLOGIA	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE(S)	85
APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA, ESCRITA	86
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS	87

1 INTRODUÇÃO

Durante a trajetória do Ensino Fundamental passava por processos de socialização com as outras crianças da turma, mas percebi que meu corpo estava sofrendo preconceito, essas formas de expressão que as crianças passaram para meu corpo, foram me fazendo perceber que eu não tinha o mesmo padrão que elas imaginavam ser o mais adequado. Por isso me condicionei a me fechar e sentir que eu não deveria mostrar o meu corpo, que não deveria me expor para as pessoas.

Mas quando iniciei minha graduação no curso de Artes Visuais Licenciatura na UNESC, comecei a ter mais contato com a arte e percebi que meu olhar perante meu corpo começou a mudar, as críticas que eu tinha sentido no passado já não tinham mais significado mediante tudo o que eu estava conhecendo na Universidade, e assim surgiu no meio das minhas produções artísticas a relação com esse corpo, sempre tentando entender esse corpo e como esse corpo era visto lá no ensino fundamental com todo esse preconceito e como hoje as pessoas me viam na Universidade, como eu me via na Universidade, tendo sempre uma questão crítica sobre todas as formas de corpos.

Meu objeto de estudo principal é o corpo com ênfase no corpo feminino, e esse feminino dentro das minhas produções artísticas, como o corpo se apresenta, como ele tem essa visibilidade pelas pessoas e como elas interpretam esse corpo com todo esse requisito que nos impõe como por exemplo, para ser bela deverá ser magra, alta e ter peitos volumosos, esses 'padrões de beleza' que são apresentados pela mídia nos dias atuais.

Dentro dessa pesquisa está presente minhas produções pessoais que vou utilizar o mesmo para fazer ligações com a educação e com os professores dentro da educação e como eles trabalham com o corpo, dentro das questões, qual os tipos de *Bullying*¹ que são mais conscientes dentro da escola.

Vou me ater a algumas linguagens da arte como as produções plásticas do artista Botero, e da linguagem da pop arte com o artista Richard Hamilton e vou

¹ **Bullying** é um termo da língua inglesa (bully = "valentão") que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>> (Acesso dia 22 Abr. 2017).

contextualizar com a linguagem do cinema do filme *O mínimo para viver* e o trabalho da performance e dançarina Jussara Belcchior com da dança *Peso Bruto*.

Minha ênfase é a Gordofobia, esse corpo volumoso e esse corpo anorexo falar dos dois extremos. Minha linha de pesquisa se insere em Processos, Poéticos e Educação do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC. Pois proponho trazer a discussão sobre a formação do professor artista no campo do Ensino da Arte e contribuindo assim com seu crescimento dentro da profissão, e ampliar o olhar do professor para o tema *Bullying* que acontece nas escolas, e com a ajuda das linguagens Artísticas.

[...]. Colocando alguns dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida profissional em prática, os professores modificam sua prática e enriquecem seu saber docente, construído por eles em interação com diversas fontes sociais de conhecimentos e competências (Tardif & Lessard, 1999).

Minha pesquisa tem como classificação dos objetivos sendo descritiva. Com o objetivo geral de analisar como a arte pode promover reflexões na realidade do *bullying* nas escolas. E os específicos que seriam analisar sobre o *Bullying* nas escolas e suas consequências. Refletir sobre quais relações podem ser estabelecidas entre o ensino da arte e ações para combater ao *bullying* nas escolas e trazer através do ensino da arte discussões sobre padrões de beleza impostos pela sociedade, e a partir disso haverá uma coleta de dados e observação sistemática. Segundo o autor Edivaldo M. Boaventura: “As pesquisas *descritivas* identificam as características de determinada população ou fenômenos. O melhor exemplo é o levantamento ou *survey*”. (2014 p. 57).

O procedimento metodológico é de caráter básico e artografico promovendo uma investigação baseada em arte produções e multiplicidades destacando uma ideia de rizoma criando relações entre as linguagens da arte a educação, com ênfase na disciplina de artes.

Segundo Appolinário (2011, p. 146), a pesquisa básica tem como objetivo “o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”, para gerar um conhecimento maior do professor de arte perante ao tema *bullying* e fazer com que o professor saiba como lidar com esse tipo de acontecimento que está presente nas escolas. ‘Sendo assim trago como questão problema: Como a Arte pode promover

mudanças na realidade do *bullying* nas escolas? E de que forma os professores de artes podem criar condições por meio da arte para que os alunos percebam as relações estabelecidas a partir dos padrões de beleza imposto na sociedade nos dias atuais?

2 EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO SUJEITO

A Educação proporciona uma formação profissional, mas também ajuda a constituir um sujeito humanizado e sensível, conhecer e valoriza a cultura, diversidade e a estética do outro é formar um sujeito que respeita o próximo e a si mesmo.

Esse sujeito tem o direito a uma formação que tome como parâmetro todas as dimensões que constituem o humano. Uma formação que reconheça e ensine a reconhecer o direito a diferença, a diversidade cultural e indenitária; que contemple as dimensões ética, estética, política, espiritual, socioambiental, técnica e profissional. (SANTA CATARINA, 2014 p. 27)

Dentro dos currículos pedagógicos existe a disciplina de Arte na Educação Básica que proporciona ao sujeito um aprofundamento subjetivo e biológico. Proporciona expressão de pensamentos, críticas e processos de criação.

O intuito do processo de ensino e aprendizagem de arte é, assim, o de capacitar os estudantes a humanizarem-se melhor como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos criativos e responsáveis no coletivo por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade. (BRASIL, 2000, p.50).

Penso que o professor tem um grande poder de transmitir seu conhecimento para cada aluno que ali está presente em sala de aula. Acontece de alguns alunos ter seu ponto de vista transformado sobre determinados assuntos.

Uma educação em Arte valoriza o desenvolvimento pleno do ser humano, já que questões como capacidade de percepção e sensibilidade tornam-se fundamentais na educação para experienciar e compreender a realidade social e cultural. Essa mesma educação possibilita, desse modo, ao sujeito desenvolver, além do gosto estético, a consciência crítica em relação ao meio ambiente e à qualidade de vida. (SANTA CATARINA, 2014 p.111.)

O professor tem que criar questionamentos sobre determinados assuntos. Por exemplo, sobre as obras de arte mostradas em sala de aula, dar oportunidade para os alunos criticar levando em consideração pontos positivos e negativos valorizando o posicionamento pessoal de cada um promovendo o surgimento de cidadãos pensantes e críticos para a sociedade.

2.1 PROFESSOR/ ARTISTA AMPLIANDO OLHARES PARA O *BULLYING* NA ESCOLA

A arte nos promove um entendimento mais amplo do mundo, me proporcionou um espaço onde eu posso me expressar abertamente para ser o que realmente sou e ser o que realmente quero ser. Ela nos dá subsídios para perceber melhor a vida intensificando os sentidos e nos proporciona a união das nossas emoções e as nossas vivências, atividade corporal, entre outras tantas experiências.

Alguns artistas usam a arte como maneiras de expressar os enigmas da vida e os verdadeiros sentimentos muitas vezes deixando o apreciador da arte ter suas próprias conclusões perante as obras.

Nessa relação em que o processo reflexivo é tão importante quanto o produto artístico, já que materializa o conceito pensado pelo artista, a Arte se configura como linguagem. Diversos aspectos imbricam-se no processo de elaboração da obra que se constitui em provocações estéticas tanto para quem a produz como para quem a aprecia. (SANTA CATARINA, 2014 p. 100).

Atualmente como aluna do curso de Artes Visuais Licenciatura, me preocupo com a formação de crianças e jovens nas escolas. A preocupação com o sensível de cada aluno de enxergar o outro com respeito e dignidade, na proposta curricular de Santa Catarina (2014 p. 113) afirma que.

Possibilitar aos estudantes o contato com o objeto artístico, ou meios de aproximação com o objeto, contribui para que possam ampliar seu repertório cultural, aprendendo a analisar, refletir, posicionar-se criticamente, emitindo opiniões sobre estilos, gostos, gêneros, materialidades e os diversos modos de fazer Arte. (SANTA CATARINA, 2014 p. 113).

A formação do professor artista no campo do Ensino da Arte contribui com seu crescimento dentro da profissão, ampliar o olhar dos professores para o tema *Bullying* que está acontecendo em sua volta, com seus alunos e com o próprio professor e funcionários da instituição, com a ajuda das linguagens Artísticas promover a mudança na própria realidade escolar e de cada aluno que vivencia o *Bullying*.

Sabemos que ser professor em pleno século XXI não é nada fácil; salários pequenos que promove uma desvalorização da categoria, alunos que não dão reconhecimento valoroso para o professor e a escola. Alunos dispersos com pouco interesse no conhecimento que o professor proporciona. Pois levando em consideração que esses alunos conseguem com maior facilidade adquirir informação da internet de uma forma mais lúdica e interativa, a imagem do professor e da escola acabam ficando obsoletas ou servindo para outros papéis dentro do convívio social.

A grande maioria dos pais dos alunos identificam-se conservadores, que tem a pretensão de passar para seus filhos ideologias tradicionais, muitas vezes não aceitando os pensamentos contemporâneos de seus filhos, como eles se apresentam no seu meio social. Esses pais contrariam abordagens de gênero, sexualidade ou até mesmo do corpo, como assunto pedagógico abordado nas escolas, negligenciando possíveis *bullying*.

Uma parcela de pais não estão presente na vida dos filhos, muitas vezes estão passando por algumas dificuldades pessoais, por exemplo um divórcio, trabalham demais, viajam demais, entre outros, não comparecendo à escola quando são solicitados causando uma falta de participação na vida social de seu filho, isso colabora para o desestruturamento familiar. Outro fator é a falta de estímulos financeiro, algumas famílias necessitam da ajuda do governo para complementar o orçamento familiar, mais ainda assim não proporciona um bem-estar dos integrantes dessa família.

A família do aluno, a escola conseqüentemente o professor vão fazer toda a diferença na percepção, na aceitação, na contemplação da experiência, em adquirir o conhecimento em sala de aula. O aluno necessita que cada seguimento sugerido consiga contemplar a sua parte ou seja o professor promover aula instigantes, os pais auxiliar na educação dos filhos, a escola ser convidativa e acolhedora aos mesmos.

Nas minhas experiências como Professora de Artes nos estágios da graduação do curso de Arte Visuais Licenciatura da UNESC presenciei o lado positivo de ser professora, o reconhecimento do aluno perante meus projetos de aula, quando ele se identificava com a arte apresentada na sala de aula, o aluno se aproximava, de forma em ter interesse em aprender mais e obter conhecimento. Toda essa ação promovia o maior envolvimento nas produções artísticas pessoais

dos alunos onde se percebia que eles executavam as atividades de forma intensa e expressando sentimentos como carinho pela sua produção e respeito pela produção alheia, deixando claro que estavam gostando de tudo que estava acontecendo.

A obra de arte torna presente algo, pois ela representa uma ideia, um conceito, o ausente. Interagir com o artista por meio de uma obra é compreender que ela é artefato construído por um sujeito que, na relação com o outro, lança mão de uma materialidade específica para tornar algo presente, e, nesse encontro com o artista por meio da obra (seja ela musical, visual ou cênica), o sujeito tem contato com elementos históricos, culturais, artísticos, ideológicos de determinado tempo e contexto sociocultural. (SANTA CATARINA, 2014 p. 115)

Conforme minha realidade de estagiária do curso de Artes Visuais nas escolas de Educação Básica a prática que tive na Universidade foi de grande valia, pois com o conhecimento da produção Artística que a Universidade me proporcionou pude aplicar nas aulas de Estágio. No decorrer da minha trajetória na graduação tive a experiência com a argila na aula de Escultura e Pesquisa, que contribuíram muito para meu projeto que realizei no estágio pois passei para meus alunos a experiência que eu havia tido. Tendo em vista que os alunos apreciaram a atividade manual deixando a criatividade e a sensibilidade fluir em suas produções.

[...] representa a busca por pesquisas, ancoradas na paisagem da experiência, ou ainda, sobre o lugar de quem produz e de quem ensina Arte ou simplesmente de um saber/fazer competente ao artista professor, surgem constantemente e evocam a investigação sobre o modo como o ensino/aprendizagem influencia atitudes, crenças, valores, bem como, estudos e produções artísticas dos sujeitos (artistas professores) pesquisadores, envolvidos [...]. (LAMPERT 2015, p.65)

A experiência com o saber/fazer esteve presente em minha graduação, tanto nas aulas de Escultura e Pesquisa, Fotografia, Cinema, Performance, entre outras. A partir das minhas experiências, minhas vivências e das minhas obras que eu como Artista e principalmente como futura Professora de Artes, percebi que ter a oportunidade de experimentar influencia e muito no ensino/aprendizagem. O saber/fazer contribuem para a formação de cada indivíduo dentro da escola.

2.2 BULLYING – DEFINIÇÃO E SUAS RELAÇÕES

O termo *Bullying*² utilizado para representar a violência constante tanto verbal quanto física que uma pessoa pode sofrer, dentro da Escola ou fora dela.

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. [...] A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online *School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros. (Aramis Antonio Lopes Neto AA, 2005).

A escola enquanto instituição social é um espaço onde as diferenças são encontradas e nesse sentido é onde existe o conflito. Existem dois tipos de ações no *bullying* segundo Lopes Neto e Saavedra (2003 p.18)

[...] ações diretas: subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). E as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída do seu grupo social.

Não só a pessoa que está vivenciando o *bullying* é o único que está sofrendo, quando acontece algum tipo de *bullying* dentro da sala de aula prejudica todos que estão em sua volta. Os alunos que estão assistindo a agressão, humilhação, intimidação, não sabem como reagir, pois, permanecem na passividade, para não promover o foco para si. A atenção da aula acaba prejudicando todo o processo de aprendizagem, ou seja, todos inclusive o professor é afetado.

[...] identifica três tipos de envolvidos: A vítima, os agressores, e os espectadores. Assim as vítimas podem ser identificadas como aqueles alunos que possuem dificuldade na socialização ou que podem desencadear nos colegas reações agressivas contra si mesmas. Os agressores podem ser de ambos os sexos e possuem na sua personalidade através da força física ou do assédio psicológico e por último os agressores

² *Bullying*: Optei por usar essa palavra fora da língua portuguesa porque a definição dela não tem o peso significativo que a própria palavra proporciona no meio de pesquisa. A definição da palavra segue no contexto do texto segundo teórico.

que são aqueles que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas sem qualquer atitude em relação aos fatos. (SILVA, 2010)

Além da existência do termo *Bullying*, temos o *Cyberbullying* que é utilizado para descrever as agressões que é praticado na internet ou em qualquer ferramenta de comunicação.

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial - o *cyberbullying* - uma forma dissimulada de *bullying*, em que as agressões são virtuais. É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos. (TOGNETTA 2010, p.841)

Nos dias atuais grande maioria da população Brasileira tem acesso a internet e as redes sociais onde a maior parte dos assédios acontece, geralmente o agressor pratica o *cyberbullying* por meio de perfil falso³ deixando assim o anonimato. Diferente do *Bullying* onde o constrangimento fica apenas no momento de convívio na escola por exemplo, o *cyberbullying* fica tempo indeterminado na rede, e se prolifera com muita facilidade sendo na maioria das vezes impossível de controlar, o agressor tem a vítima ao seu alcance o tempo todo, deixando a imagem da vítima totalmente exposta afetando a autoestima e a vida pessoal.

As consequências do *Cyberbullying* podem ser ainda piores que o *bullying* pois a internet garante o anonimato dos agressores e tem um poder ainda maior de divulgação das humilhações ou imagens da vítima, trago como exemplo o caso da estudante de Pernambuco Daniela Martins, suas fotos sempre retrataram seu corpo buscando incentivar mulheres a aceitar seus corpos e enxergar a beleza que cada um carrega dentro de si. Mas foi a foto publicada no dia 27 de dezembro de 2016 que se tornou viral. Após publicar uma foto nua com mensagem de aceitação do corpo, foi vítima de xingamentos e ameaças.

³ Perfil falso: A pessoa cria um pseudônimo onde faz postagens em redes sociais onde o receptor não consegue identificar quem realmente é a pessoa que o criticou.

Figura 1 - Print do Facebook Daniela Martins.



Fonte: < <https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2017/01/daniela-martins-publicacao.png>>

Daniela Martins deu seu depoimento para o site G1⁴ segundo ela já esperava que a imagem iria causar polemica mais não imaginava que seria nessa proporção ela diz “O problema começou quando um menino me criticou pela foto e eu discuti com ele. Depois, a minha publicação chegou num grupo em que as pessoas me agrediram verbalmente e me ameaçaram”. Sua foto causou revolta entre os internautas pois há uma dificuldade na sociedade em aceitar o corpo diferente, aceitar que o corpo gordo também é um corpo bonito, á mídia e industrias de beleza sempre enfatizam que o corpo magro é o corpo ideal. BAUDRILLARD (2003 p. 149) diz: ‘Mas, esta beleza imperativa, universal e democrática, inscrita como direito e dever dos todos no frontão da sociedade de consumo, manifesta-se indissociável da magreza.’

Daniela foi mais uma vítima do *Cyberbullying* e da Gordofobia dentro de centenas espalhadas pelo mundo, foi vítima de uma mídia que ao longo prazo condiciona as pessoas ao não aceitar o corpo diferente.

O termo Gordofobia surge a partir da união de duas palavras Gordo (em latim *gurdu*) que se refere a “quem tem muita gordura; gorduroso, graxo; que tem o tecido adiposo desenvolvido (FERREIRA, 2010, p.382) e Fobia (em latim *phobia*), que designa medo ou aversão a algo. (FERREIRA, 2010, p.355) segundo CONTRERAS

⁴ G1: Site de notícias da emissora Globo www.g1.globo.com

et al (2010, p.17) ele diz que o termo Gordofobia é “uma prática de exclusão ou um tipo de variante da psicopatologia – neurose fóbica”.

Podemos dizer que a definição da palavra Gordo, não tem nada associado a palavra “Feio” como muitas pessoas afirma ser. Afirmar que a pessoa gorda sofre alguma doença ou chama-la de feia só porque ela é diferente dos padrões exigidos na mídia e na moda podemos considerar um ato gordofobico.

Ao ler algumas entrevistas em revistas de moda a revista Moda Moldes Especial ed. 21 onde em entrevista com a artista Gaby Amarantes me chamou atenção, segundo a revista ela diz dar um alerta para as pessoas que usam a Gordofobia como desculpa para não cuidar da saúde, ela começa dizendo: “Já vesti 46, 48, hoje, uso 38 a 40; é uma grande diferença. E isso é confortável para mim. Eu sou super a favor de quem quer levar uma vida saudável. ”. Claramente ela associa a perda de medidas e peço com saúde, ela então termina com a seguinte fala; “Está certo se aceitar do jeito que é, claro. Mas tenho certeza de que você ficará ainda mais feliz se você se cuidar. Tenho certeza de que você vai se aceitar ainda mais por conta de sua saúde. ” Esse tipo de fala é o que a pessoa Gorda, levando em consideração minhas experiências vividas, escuta o tempo todo.

As mensagens da mídia têm um papel central no movimento moral contra a obesidade. Impor para as pessoas que será mais fácil ela se aceitar, se ela se transformar em algo que ela não é, emagrecer a ponto de modificar o corpo para alcançar o padrão midiático é algo de extrema preocupação, pois ignorando a pessoa, tratar o gordo com diferença muitas vezes excluindo ele das interações sociais segundo Lucia Marques Stenzel (2002 p.12) ela diz:

A aceitação social do obeso não é a única garantia de solução para o problema a obesidade; mas em contrapartida, a discriminação também não evita o seu crescimento alarmante. O que podemos afirmar com certeza é que a rejeição social só agrava um problema que já é suficientemente preocupante. Não discriminar o indivíduo obeso significa possibilitar-lhe uma melhor qualidade de vida, significa permitir que ela possa conviver e lutar pela resolução do seu problema sem mais este “ peso”, o peso da exclusão. (STENZEL, 2002 p12)

Presencio no meu dia a dia até em conversas corriqueiras de família, dicas para emagrecer, pessoas que não são do meu convívio vindo até mim e dando dietas, alimentos com baixa caloria que descobriram em algum programa de TV que

é bom para emagrecer e etc. Passou a ser normal as pessoas se acharem no direito a dar dicas de emagrecimento alegando estarem preocupadas com a saúde. A autora STENZEL (2002 p.13) “afirma que a saúde é entendida como sinônimo de integração na sociedade; em contrapartida, a doença é sinônimo de integração de exclusão”.

Com muita frequência o corpo gordo é taxado como corpo doente, feio, um corpo que é excluído pela sociedade por não se encaixar nos padrões exigidos e assim ser visto como feio, preguiçoso, um corpo culpado e abusado por estar em um tamanho diferente.

2.3 PESQUISA DE CAMPO COM PROFESSORAS DE ARTE: EDUCAÇÃO, CORPO E BULLYING

Esse capítulo mostrarei as entrevistas com questionamentos a duas professoras formadas e em atuação, e duas professoras ainda na fase de graduação, conforme suas vivências em sala de aula.

Vou identifica-las como P.G, P.J, P.L, P.D, considerando que P.G e P.J já estão em atuação e o P.L e P.D estão em formação.

Iniciei o questionamento falando sobre o corpo feminino em sala de aula, se elas em sua atuação já utilizaram o corpo feminino nas aulas de arte.

P.G respondeu:

‘Trabalhei com Henri Matisse utilizando o teatro de sombras e também trabalhei a mulher africana. ’

P.J respondeu:

“Nunca trabalhei especificamente “o corpo feminino”. As questões sobre o corpo, principalmente a problemática do corpo belo/perfeito geralmente são atravessadas nas aulas quando os alunos entram em conflito com a sua prática ou a sua noção de “belo” e “feito”. É um princípio muito básico, e dualista, de estética que permeia as mentes dos alunos: o que vejo e faço ou é belo ou é feito. Sobre minhas aulas, o que já precisei fazer em muitas delas foi exatamente trabalhar essa desconstrução que vem do “bonito e feito” até chegar nas noções estética de corpo humano. Por exemplo já trabalhei em algumas aulas, exercícios teóricos e práticos sobre anatomia humana para compreendermos que o corpo de cada um é diferente

bem como a própria pele. Também em outros momentos onde a temática principal da aula não era o tema “corpo feminino”, precisei novamente fazer atravessamentos e trazer exemplos “práticos” da “vida cotidiana” que era possível perceber a desconstrução de estereótipos e preconceitos levando para aula artistas feministas contemporâneas como por exemplo Barbara Kruger e Ana Mendieta. Em uma outra situação precisei levar para a aula meus próprios cadernos de desenho para contemplação dos alunos que acreditavam que desenho só era possível se fosse realista. O que percebo em minha prática docente é um “fazer de atravessamentos” entre o apresentar artistas e assuntos que tratam do universo feminino e trazer para a aula uma atitude de desconstrução de todo e qualquer tipo de estereótipo e de preconceitos que permeiam nossa sociedade. ”

P.L respondeu:

“Como só tive contato com sala de aula em estágios obrigatórios e no PIBID, não tive a oportunidade de abordar esse assunto, porém já li muitas coisas sobre e pretendo falar bastante destas questões em sala de aula.”

P.D respondeu:

“Nunca utilizei o corpo feminino como conteúdo em minhas aulas de Artes. (Porém, considero muito importante discutir sobre) ”

Podemos perceber que apesar de ainda ser um paradigma o corpo nas aulas de artes, aos poucos esse medo de trabalhar o corpo nas aulas vai se perdendo, pois, vendo professoras discutindo a noção do belo e feio, já é um grande avanço no ensino da arte. Trazer esses questionamentos está inclusive nos na proposta curricular de Santa Catarina (2014, p 113) ‘As reflexões sobre o belo na estética sustentam essas análises e, nesse sentido, devem permear as reflexões cotidianas no ensino da Arte.’

Na segunda questão, entrei no tema *Bullying* que consiste na violência verbal ou física em sala de aula, questionei se elas já haviam presenciado o ato na escola e como reagiram.

P.G respondeu:

‘Várias vivências que a gente percebe o bullying, sempre procuro abordar o agressor não consigo ficar calada, sempre tento fazer um gancho com acontecimentos atuais e o que estou dando em sala de aula. ’

P.J respondeu:

A que mais me marcou até hoje foi não uma cena, mas um processo com um aluno do 1º ano do ensino fundamental que chamarei aqui de “M”. Ele tinha na época entre 5 e 6 anos, é negro e vinha de uma família humilde. Essas cenas se repetiam em todas as minhas aulas. Era uma criança de atitudes diferente dos outros se pensarmos que ele era mais violento e intolerante ao preconceito que recebia. Não tinha laudo pelo psicólogo ou pelo SUS, assim não recebia atendimento algum pela escola, que fornecia atendimento para os alunos com laudo. Mas percebia, eu em minha “sensibilidade”, que ele se sentia diferente dos coleguinhas por não conseguir acompanhá-los no que dizia respeito à sua alfabetização.

Comecei a notar que até com a professora regente da turma dele, acontecia um processo de preconceito, ela não o aguentava e não sabia lidar com a sua raiva. Deixava-o sentado em uma classe do lado da mesa dela, e assim excluído dos demais.

Quando M chegava em aula me esnobava, começava a brincar e tirar a atenção dos colegas para brincar com ele. Quando os alunos começavam a proposta que eu trazia para aula e demonstravam interesse M tentava prestar atenção e também participar da forma que ele conseguia, contudo passei a perceber que quando a atividade envolvia desenhar ou escrever ele via que seus “rabiscos” não eram “iguais” aos desenhos ou letras dos outros coleguinhas, assim M ficava muito frustrado e violento. As crianças se assustavam e saíam de perto dele. Depois passaram a excluí-lo naturalmente e trazer falas como “é que ele ainda não sabe escrever o nome dele professora”, “ele fica assim porque o desenho dele é feio”, “na aula da professora X ele só brinca e não faz os exercícios”. Incrível imaginar, mas com 6 anos de vida ele já sofria o bullying por não ter aprendido ainda a escrever ou desenhar. No início era muito triste porque eu tentava conversar com ele, mas não conseguia abertura para diálogo, ou ele avançava sobre os outros colegas violentamente ou fugia da minha sala. Tiveram muitos momentos em que não consegui contornar a situação e precisei deixá-lo sair, volta e meia eu ia visitá-lo no pátio e tentava conversar ou convencê-lo a voltar para sala, mas era muito difícil, pois ele colocava as mãos nos ouvidos, se balançava e chorava com muita raiva. Aqui vi que não era um choro comum e fui procurar a psicóloga da escola que

atendia os alunos com laudo. Ela disse que ele realmente aparentava ser uma criança que não só necessitava de atenção e carinho como de um laudo para uma medicação correta. Perguntei a ela o que eu podia fazer para ajudá-lo...

Como eu tinha duas aulas fixas com o 1º ano, no 3º período ficava com uma aula “vaga” entre o recreio e as duas últimas aulas. Comecei a pedir permissão para a professora regente dele para ficar com ele em minha sala para trabalhar a atividade que ele não havia conseguido realizar em grupo. Em algumas situações até trabalhamos exercícios motores de pegar o lápis, pois eu vi e posso afirmar que aquela criança não teve exercícios anteriores de pegar um lápis para desenhar (mais tarde vim a descobrir que o M não tinha sido matriculado na educação infantil, ou seja, ele ficava em casa, não teve “introdução” a nenhum tipo de exercício motor ou de alfabetização prévia, comumente realizada nas creches). Em muitos desses encontros ele saía com os olhos brilhando de alegria, pois tinha tido uma aula “particular” comigo e havia “conquistado” o objetivo.

Teve um dia muito especial em que ele não saiu da minha sala e ficou chorando o tempo todo, a aula foi perdida e no pós-aula precisei travar uma guerra para conseguir conversar com ele. Depois de muito tentar acabei conseguindo tirar dele algumas palavras como “tu disse que estava errado assim”, pois eu havia dito que não era para ele usar o pincel de determinada forma... Aí penso, o quanto as crianças são sensíveis à coisas que nós professores(as) falamos no automático e depois podem vir a repercutir em algo mais problemático como a criança que vai dizer que “não sabe desenhar” porque não foi o que o(a) professor(a) ensinou... Bom, sei que nesse dia precisei pega-lo no colo, pedir desculpas e dar um carinho e atenção que ele não parecia receber nem dos pais. Via nele um menino que criou através de sua violência e falta de atenção, um mecanismo para se proteger do preconceito que sofria por não conseguir “ser igual” aos outros.

Ao longo do ano fui percebendo que o problema era muito mais embaixo: era a negligência dos pais que não medicavam o menino, que já tinha conseguido o laudo depois de muito a escola insistir, bem como a intolerância da própria professora regente ao tratá-lo sempre com raiva, intolerância e sempre falando com ele em entonação diferente como se fosse o fracassado, “ah deixa ele lá, ele não quer aprender mesmo”. Muitas vezes nessas brigas que ele começava a travar contra seus coleguinhas (que inconscientemente falavam que o fulaninho não

conseguia fazer alguma coisa, mas muito mais porque são crianças ainda sem “papas na língua”, sinceras e sem a noção de maldade) precisei trabalhar ideias de coisas que algumas pessoas fazem melhor que outras, assim como cada um tem um ritmo de aprender, e como o M. era um menino super criativo em suas histórias e brincadeiras e como isso era legal. Havia um jogo de “troca de ideias” com as crianças quando a situação ficava tensa, sempre pensando em um jeito de mostrar não os dois lados da moeda, mas as várias possibilidades de interpretarmos a vida...

P.L respondeu:

‘Já presenciei alunos fazendo piadas e rindo de uma aluna em específico, mas como eu tinha acabado de conhecer a turma, não sabia o motivo e nem como abordar esses alunos, já que cada um reage de formas diferentes. Por conta disso apenas pedi para que voltasse aos seus lugares para fazer a atividade e comecei a interagir mais com a aula durante as aulas para tentar fazer com que ela se sentisse confortável.’

P.D respondeu:

‘Sim. Eu sofri bullying na adolescência, em relação ao meu corpo. Na época em que o corpo das meninas da minha sala passava por mudanças, como aumento dos seios, primeira menstruação, quadris mais largos, o meu corpo demorou mais tempo para passar por este processo. Eu era muito magra e os meninos me chamavam por apelidos que, me pareciam constrangedores na época, como “seca”.’

A presença do *bullying* é constante, passa gerações em gerações e os atos continuam a acontecendo é preciso que o professor preste a atenção e tome alguma atitude pois deixar a criança ou o adolescente passar por isso sozinho e simplesmente fechar os olhos para ele não é a melhor maneira para se lidar.

Na terceira e última pergunta questionei sobre os padrões midiáticos que os meios de comunicação em massa usam para induzir jovens e adultos a um padrão de beleza, onde o magro é visto como ‘belo’ e o gordo é visto como ‘feio’. Na opinião das mesmas como através da arte podemos promover essa discussão sobre respeito e aceitação do corpo de cada um.

P.G respondeu:

Acho que a arte pode estar falando de qualquer assunto, sempre combatendo o preconceito da forma que ele vier. Certamente podemos estar trabalhando para melhorar a autoestima.

Eu como prof do EJA sempre pensando nesse vies, em trabalhar algo que valorize o ser humano na sua totalidade.

P.J respondeu:

‘Acredito que vai de encontro com o que falei na primeira pergunta. É uma questão de atitude perante as aulas, de uma escolha responsável de conteúdos, artistas e falas. O nosso discurso de professores(as) é de muita importância para o aluno, pode parecer que eles não nos escutam muitas vezes, mas eles percebem e notam como nos comportamos e relacionamos com eles. Nossas entonações de vozes, escolhas de roupas, jeito de falar, opiniões sobre assuntos alheios à escola. Tudo eles percebem! Sendo assim é muito importante como nos portamos eticamente em nossas aulas. Uma aula responsável, uma aula comprometida no sentido de levar o melhor de nosso trabalho, em ter uma relação de respeito e horizontalidade com os alunos, tudo isso é notado e valorizado por eles. Uma aula onde o(a) professor(a) é irresponsável, intolerante ou preguiçoso(a) irá repercutir no “estilo” que essa aula e ambiente irá tomar. Então é importante pensar o quanto nossas escolhas de vida, de opinião e não só de conteúdos podem sim ter um peso nessas noções tão básicas que os alunos desde pequenos têm contato. Como por exemplo, princípios éticos e estéticos para a vida. “Sim, não, certo, errado, bom, ruim, verdadeiro, falso, bonito e feio” fazem parte de uma noção de mundo, e de certa forma de uma “linguagem” na concepção das crianças, hiper dualista, onde pouco se pode fora dessas duas normativas...ou se é magra e desejável ou será rejeitada, ou tu se comporta na norma ou será excluído, sofrerá bullying, será o louco...Gosto muito dessa citação da Viviane Mosé⁵ que nos faz pensar sobre a educação na contemporaneidade:

⁵ Citação feita pela entrevistada.

Educar é um processo que somente pode ser pensado como um conjunto complexo de relações, uma rede de fatores, gestos, ações, conceitos, valores. As pessoas são complexas, a vida é complexa, o raciocínio não pode ser linear, opondo certo e errado, bonito e feio. (MOSEÉ, p.72, 2013)

Não falei de corpo porque acredito que antes de só pensar em trabalhar essa desconstrução estética a gente pode trabalhar em conjunto com a desconstrução dessa dualidade do discurso normativo que é ético/estético. As grandes mídias e os grandes discursos continuarão ditando normas e padrões, sejam de corpos ou de maneiras de viver ou de nos comportarmos, mas como nos relacionamos com elas e como dialogamos com elas na educação? São essas ideias que tenho pensado e trazido de alguma forma para a minha docência, que está mergulhada em um pensar e fazer comprometido em novos olhares e possibilidades para essas outras formas de se aprender, viver e experimentar arte.'

P.L respondeu:

'Acho interessante tratar o tema usando apenas a palavra 'corpo', não 'bullying', pois noto que quando os alunos ouvem essa palavra, começam a tratar como se fosse um exagero, e caso não utilize essa palavra, irão começar a ter novas concepções sobre o corpo sem serem confrontados com o termo, mudando sua visão inconscientemente.

Junto com isso, mostrar como o corpo foi visto ao decorrer de toda sua representação na arte. '

P.D respondeu:

'Acredito que os professores e professoras de artes podem contribuir, Não tendo medo de levar esse tema para discutir em sala de aula. Pois é importante que isso pare de ser um tabu e passe a representar o que realmente é.'

3 BULLYING – PADRÕES DE BELEZA IMPOSTOS PELA SOCIEDADE.

Nos dias atuais esses ‘padrões de beleza’⁶ imposto na sociedade pela mídia, indústrias de beleza e até mesmo a própria cultura são como uma verdade absoluta. Esses padrões imposto que influenciam os pais que influenciam seus filhos e assim sucessivamente acaba mexendo com a autoestima de muitos adolescentes.

O foco desta pesquisa vai se ater a uma especificidade do *bullying* que é o corpo, com ênfase feminino, o corpo gordo e o corpo magro duas características que promovem uma discussão que permeia as linguagens midiáticas.

O impacto das indústrias de cosméticos e moda no século XX começam a valorizar o corpo magro, e assim ocorre as dietas para que a pessoa fique no controle pessoal do seu corpo. Diferentes épocas e culturas carregam seu próprio padrão de beleza, segundo Schubert (2009 p. 1);

A busca do lindo, da beleza, do bonito, do esteticamente belo é tão antiga quanto à existência da humanidade. Diferentes épocas e culturas têm seus modelos ou padrões específicos de beleza por meio dos quais dizem dos seus gostos e preferências estéticas. No período tribal, a mulher considerada bela era aquela que tinha atributos físicos desenvolvidos para a procriação e posterior amamentação, principalmente. O homem considerado belo era principalmente o mais astuto e forte, pois este tinha esperteza e força física para defender a prole.

No decorrer dos anos nos deparamos com frequência a mídia nos dizendo o que é belo e o que é feio. Mas afinal o que é belo? Conforme os anos se passa continuamos a usar o belo para descrever algo que nos agrada, algo que é “gracioso”, “bonito” ou “maravilhoso” por exemplo. Existe um laço estreito entre o belo e o bom. Partindo para nosso cotidiano, estamos propensos a definir como bom aquilo que não somente nos agrada. Mas o que desejamos muito ter como por exemplo riqueza, amor ou algum bem material.

O ‘feio’ na arte inconscientemente ligamos com a representação de imagens que nos incomoda, imagens com brutalidade, assustadoras e perturbadoras

⁶ As palavras que o texto apresenta uma aspa (") é para salientar expressões que podem divergir com seu significado ou/e ter muitos sentidos conforme a discussão proposta.

que traz sentimentos de angustia, medo e raiva por exemplo. A artista Patricia Piccinini nos proporciona obras de arte que nos extingam sentimentos diversos.

Figura 2 - The Young Family , 2002, Patricia Piccinini



Fonte < <http://www.abc.net.au/radionational/image/5629804-3x2-700x467.jpg>>

Mas por um lado trouxe um poder discursivo muito grande pois a arte não é só feita de coisas 'bonitinhas', mas também é utilizado o grotesco para que possamos debater de certa forma com mais impacto os acontecimentos do mundo contemporâneo.

Desde muito cedo somos designados a tratar nosso corpo com desprezo, nunca estamos felizes pois não temos o corpo esculpido, o rosto impecável e os cabelos esvoaçantes, como o das mulheres das propagandas de calcinha ou nas revistas de moda por exemplo.

Figura 3 - Revista Vogue de maio 2017



<http://www.fashionismo.com.br/wp-content/uploads/2011/03/VOGUE-60-590x592.jpg>
<http://www.fashionismo.com.br/wp-content/uploads/2011/03/VOGUE80-590x592.jpg> <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/70/35/87/703587d7a7e37bc6b3b776fdaafb09d5.jpg>>
 (Acesso 25 out 2017)

Apesar de notar que a moda muda conforme o tempo, ela consegue abusar do 'moral' e 'imoral', do 'feio' e do 'belo', mas nunca consegue mudar o magro e o gordo. Pois o corpo 'bonito' ajuda a vender, a baixa auto estima das mulheres rende dinheiro para as indústrias de beleza e moda.

É aqui que toda a psicofuncionalidade, antes analisada, assume todo o seu sentido econômico e ideológico. O corpo ajuda a vender. A beleza ajuda a vender. O erotismo promove igualdade o mercado. (BAUDRILLARD, 2003 p. 142)

A presença do corpo feminino como objeto no âmbito midiático sempre esteve presente para vincular as vendas de um corpo saudável, magro e bonito. A mídia manipulando o corpo feminino principalmente o corpo magro, para que o consumo se instale na humanidade.

É possível que o facto pareça estranho: porque, se definimos o consumo como generalização dos processos combinatórios da moda, sabemos que a moda pode jogar com tudo, com os termos inversos, indiferentemente com o antigo e com o novo, com o <<belo>> e com o <<feio>> (na sua definição clássica), com o moral e o imoral. Só não consegue jogar com o gordo e com o magro. (BAUDRILLARD, 2003 p. 150)

Com esse padrão todo imposto pela mídia, me pergunto; Como nós Professores em formação e Professores já formados, podemos identificar se está acontecendo o *bullying* com os alunos e alunas? Segundo Silva (2010)

[...] identifica três tipos de envolvidos: A vítima, os agressores, e os espectadores. Assim as vítimas podem ser identificadas como aqueles alunos que possuem dificuldade na socialização ou que podem desencadear nos colegas reações agressivas contra si mesmas. Os agressores podem ser de ambos os sexos e possuem na sua personalidade através da força física ou do assédio psicológico e por último os agressores que são aqueles que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas sem qualquer atitude em relação aos fatos.

Levando em consideração o que o Silva (2010) falou e os padrões impostos pela mídia atual, a vítima não é a única prejudicada e sim a todos que estão em sua volta e os próprios agressores, percebemos que há um problema em nossa sociedade somos facilmente manipulados pela mídia. CASTRO (2003 p. 18)

ênfatiza que mídia é “o agente difusor do culto ao corpo como tendência de comportamento”.

A mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturais da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A segunda, por garantir a materialidade da tendência de comportamento, que – como todo traço comportamental e/ou simbólico no mundo contemporâneo - só poderá existir, se contar com um universo de objetos e produtos consumíveis, não podendo ser compreendido desvinculado do mercado de consumo. (CASTRO, 2003 p. 7).

Não só aqui no Brasil que acontece a prática do *Bullying* mais em outras partes do mundo. Acredito que o preconceito com o corpo ‘diferente’, nos dias atuais não houve mudança, pois, as pessoas são condicionadas pela mídia e a sociedade desde criança que ser gordo não é normal, ser homossexual não é normal, ser diferente não é normal. É preciso conscientizar a criança, falar abertamente sobre as diferenças que cada ser humano carrega em si.

Assim como o cinema as séries americanas são um meio de divulgação da cultura americana. Muitos filmes e séries Americanas por exemplo podemos observar bem a evidência do *bullying* nesses lugares.

Na série original da Netflix¹ “13 Reasons Why” mais conhecido no Brasil como “Os 13 Porquês?” É uma produção baseada no livro de Jay Asher.

Trarei aqui minha análise perante a série que retrata a história de Hannah (Katherine Langford) uma jovem americana que sofria *bullying* em seu ambiente escolar, ela passa na pele o doloroso peso da exclusão, do *bullying* e do machismo.

Hannah então no apice do desespero por não conseguir confiar em mais ninguém talvez nem nela mesmo, grava 13 fitas narrando os 13 motivos que causou seu suicídio. Os motivos derivam de ações de treze pessoas que em algum momento praticaram algum tipo de violência com ela e após o suicídio essas pessoas receberam as fitas gravadas por ela relatando essas ações.

O que mais me chamou atenção nesse drama é que em um ato desesperador, Hannah pede ajuda ao orientador da escola, que em minha análise estava sem treinamento apropriado para esse tipo de situação, o orientador não soube ajudar e resolveu fechar seus ‘olhos’ e não acreditou em nada que a personagem Hannah estava dizendo, era mais fácil para ele a ignorar-la do que

mudar o sistema todo da escola, que por sua vez passava por um terremoto de ações do *bullying*. Ao assistir essa cena me veio a pergunta; será que o ambiente escolar está preparado para ajudar pessoas que sofrem o *Bullying*? Os professores e funcionários estão preparados para esse tipo de violência?

4. CORPO NA ARTE: MEDIDAS E VOLUMES

Trazer o corpo humano para a aula de arte é mostrar como esse corpo e esse padrão de beleza foi se modificando conforme o tempo, e como ele era percebido durante a história de cada cultura.

Podemos fazer algumas pontuações sobre o corpo na arte pois durante a história o corpo foi representado diversas vezes, se analisarmos o corpo representado no Egito, era algo sagrado e divino, o Faraó por sua vez era considerado um “Deus” para essa civilização, eles acreditavam que após sua morte seu corpo iria se juntar aos outros Deuses por esse motivo seu corpo não poderia entrar em decomposição para que sua alma permanecesse viva.

A imortalidade da alma estava vinculada a recomendações do corpo. Assim, nesse período desenvolveram-se técnicas artísticas de representação do corpo humano – tanto para pintura como escultura – métodos científicos de conservação – embalsamação e mumificação – e fórmulas de encantamento. (PIRES, 2005, p.26-27).

A preocupação que eles tinham na época era de manter a imagem do Rei, para assim ser eternizado na vida de todos e para que sua alma possa viver eternamente, então eles esculpiam por exemplo um busto do Rei em ouro mostrando sua grandiosidade e riqueza. Segue a imagem do busto do faraó.

Figura 4 - Máscara mortuária do Faraó Tutankhamon



Fonte<

https://ichef.bbci.co.uk/news/ws/660/amz/worldservice/live/assets/images/2016/01/24/160124153331_tut_abre_640x360_epa_nocredit.jpg> Acesso 26 out. 2017

Diferente do Egito que a representação do corpo era ritualizada conforme as crenças do próprio povo na época e as esculturas eram esculpidas pelo ângulo que tivesse maior visibilidade, os gregos por sua vez iniciaram um estudo de cada parte do corpo humano. Não só pela técnica mais pela sua percepção do corpo, que se modifica no decorrer dos anos.

Voltando à arte, a representação do corpo na Grécia antiga partiu do conhecimento que os egípcios tinham adquirido e se desenvolveu de forma mais expressiva por meio da escultura. [...]. Assim, conforme os postulados estabelecidos pelos egípcios, de representar cada parte do corpo conforme o ângulo de visão que melhor o definisse, os primeiros corpos esculpidos pelos gregos deixavam claro suas divisões anatômicas e a musculatura que as unia. (PIRES, 2005, p.30-31).

Os artistas gregos começaram a fazer vários estudos e experimentações, reproduzindo a anatomia do corpo por inteiro na escultura, nesses estudos, eles começaram a modificar a boca os olhos por exemplo para dar mais ênfase a expressão e assim deixando a obra mais realista. Podemos observar na escultura do artista grego Praxiteles escultor da Grécia Antiga, destacou-se por produzir um dos primeiros nus feminino, como segue na imagem abaixo.

Figura 5 - Afrodite, em 340 a.C.



Fonte: <<https://static.todamateria.com.br/upload/56/28/5628ac12848d5-escultura-grega.jpg>> Acesso dia: 24 out de 2017

Ao analisar a obra pode perceber claramente os detalhes do corpo com um toque sutil e natural das curvas, cada detalhe único deixando o conjunto todo simétrico sem nenhuma imperfeição.

A busca de uma beleza física, a representação do corpo humano e a naturalidade nas posições das obras, o movimento, volume, perspectiva e proporcionalidade, são alguns objetivos marcantes desse período, carregando nos padrões de 'corpo ideal' da época, esses artistas foram de muita importância e contribuíram, dando uma nova perspectiva de representação do corpo humano. Que se modificou durante o império Romano não trazendo mais esse corpo contemplado e admirado.

Durante o Império Romano, com o advento da religião cristã, a revelação do indivíduo com o corpo sofre uma total alteração de valores. Até então, o corpo era objeto de prazer e de admiração. [...] O cristianismo inverte esses valores e deposita no corpo a responsabilidade pelo espírito, a dor física, o sacrifício da carne, a abnegação do prazer passam a ser necessários, pois somente pela superação do prazer que a alma se engrandece e o indivíduo se mostra digno de Deus (PIRES, 2005, p.33- 34)

Nesse período o espírito passa a ter mais importância, deixando um pouco de lado o corpo físico, suas características e formas deixam de ser prioridades. A beleza já passa a não ser mais adorada e venerada, o corpo não é mais representado de forma nu.

Figura 6 - Augusto de Prima Porta



Fonte: < http://www.nationalgeographic.com.es/medio/2013/01/15/0080678d_1407x2000.jpg > Acesso dia: 24 out de 2017

Ele então passa a ser a cópia fiel das pessoas buscando retratar traços peculiares, apesar de parecer muito com estatuas gregas originais, os artistas romanos passaram a dar mais detalhes, acrescentando as roupas por exemplo, incluíram os contornos e dobras da pele e da vestimenta passando a representar acontecimentos e as pessoas que participaram deles.

Partido para o Renascimento entre os séculos XV e XVI, trouxe uma nova perspectiva para a arte pois ela até o presente momento estava centralizada em crenças religiosas. Então ela passa a ser vista com um olhar mais científico, buscando como referência os gregos e romanos e utilizando modelos ou dissecavam corpos para se chegar o mais próximo do corpo humano real.

Figura 7 - David de Michelangelo



Fonte: < <http://rsiqueira.postbit.com/upload/2/20110819/David-de-Michelangelo-escultura-1024-postbit-431.jpg>> Acesso dia: 24 out de 2017

Saindo um pouco dessa linha de perfeição e simetria das esculturas de Arte durante os períodos históricos citados acima, vamos para uma linha mais contemporânea quando o artista Colombiano Fernando Botero que é pintor e escultor, começa a quebrar com alguns paradigmas de beleza, ele se destacou pelos seus personagens volumosos formando um modelo único e deixando ele famoso mundialmente. Seu interesse pelo volume não interligando com padrões de beleza e sim a ideia do volume em suas obras retratando sempre gordos,

aparentemente dóceis e desajeitados quase sempre grande demais para caber no mundo em que habitam.

Fernando Botero encontrou uma nova forma de beleza, cujo objetivo não é decantar a expressão das emoções, mas encontrar em uma dimensão suprema, um peso específico que afirme a sua grandeza. (ESCALLÓN, 2012, p. 5).

A sensualidade com que Fernando Botero passava para as suas obras podendo perceber todo o esplendido e poder nas formas bem evidente e onduladas, mas com sutileza mostrando a pureza de cada corpo, ocultando o seio ou o sexo mais ainda sim dando firmeza na sua carne e detalhes significativos.

Figura 8 - Mulher na cadeira – 1995



Fonte: < <http://www.almeidaedale.com.br/botero/wp-content/uploads/2012/11/626550a3ea16f12c7-561x1024.jpg>>

As expressões de suas obras sempre sérias, com o corpo estruturado em curvas detalhadas e sutis, Botero mostra o individual de cada personagem. Escallón (2012, p.4) diz que o trabalho de Botero se manifesta de maneira pura, simples e direta. A figuração boteriana não é narrativa. Em sua linguagem, geralmente, não existe nem o drama nem a comédia.

Figura 9 - Mulher deitada de lado - 2010



Fonte < <http://www.almeidaedale.com.br/botero/wp-content/uploads/2012/11/614050a3ea080f7d0.jpg>>

Não só na escultura Botero esteve presente em suas pinturas e desenhos como na série Circo onde retratava figuras do cotidiano circense. Com cores vibrantes tentava traduzir a alegria desse ambiente. Escallón (2012, p. 4) diz:

A claridade, a nitidez das formas e a reflexão sobre as cores são evidentes em suas obras, de onde podemos deduzir que nos processos de execução existe o enorme prazer que lhe proporciona o ato criativo. Em seguida, vem a força da razão tentando obter a harmonia exata da composição.

Na obra Trapezista - 2008 da série Circo retrata bem a harmonia de cores utilizadas na composição e o rosto sério da trapezista me mostrou a concentração que ela estava perante o ato que ela iria fazer, diferente dos circos que presenciei, com todos os trapezistas sorridentes e seus corpos bem definidos, geralmente magro e forte.

Figura 10 - Trapezista - 2008



Fonte:< <http://www.almeidaedale.com.br/botero/wp-content/uploads/2012/11/569550a3eaa81baf0.jpg>>

Ainda na arte contemporânea apresento o artista Richard Hamilton que com suas obras conquistou o movimento do mundo da Pop Art que foi um movimento artístico que ganhou destaque por explorar o consumo em massa e questionar a realidade da sociedade.

Com sua obra intitulada 'O que é que torna os lares de hoje tão diferente, tão atraentes? (1956)', foi aceita como Arte Pop, na obra ele utilizou a colagem usando imagens de revista americanas.

Figura 11 - Trapezista - 2008



Fonte: < <https://static.independent.co.uk/s3fs-public/thumbnails/image/2014/02/17/16/hamiltonhomesv1.jpg>>

A partir da minha análise pude perceber que Hamilton utilizava de sua arte para críticas sociais de consumo, na imagem acima podemos perceber a quantidade de propaganda e produtos espalhados junto com os dois personagens, o fisiculturista seminua e a mulher em uma pose sensual que na obra está é igualado as propagandas em massa segundo McCarthy (2002, p.6):

A pergunta feita por Hamilton era bastante fácil de responder. (...). Em resumo, um mundo de fantasia consumista, disponível por um bom preço, prometia uma fuga do enfadonho trabalho na vida do pós-guerra na Grã-Bretanha. O que poderia ser mais diferente ou mais atraente? Por isso, esse novo movimento artístico deveria ser popular, transitória, consumível, de baixo custo, produzida em massa, jovem, espirituosa, sexy, chamativa, glamourosa e um grande negócio.

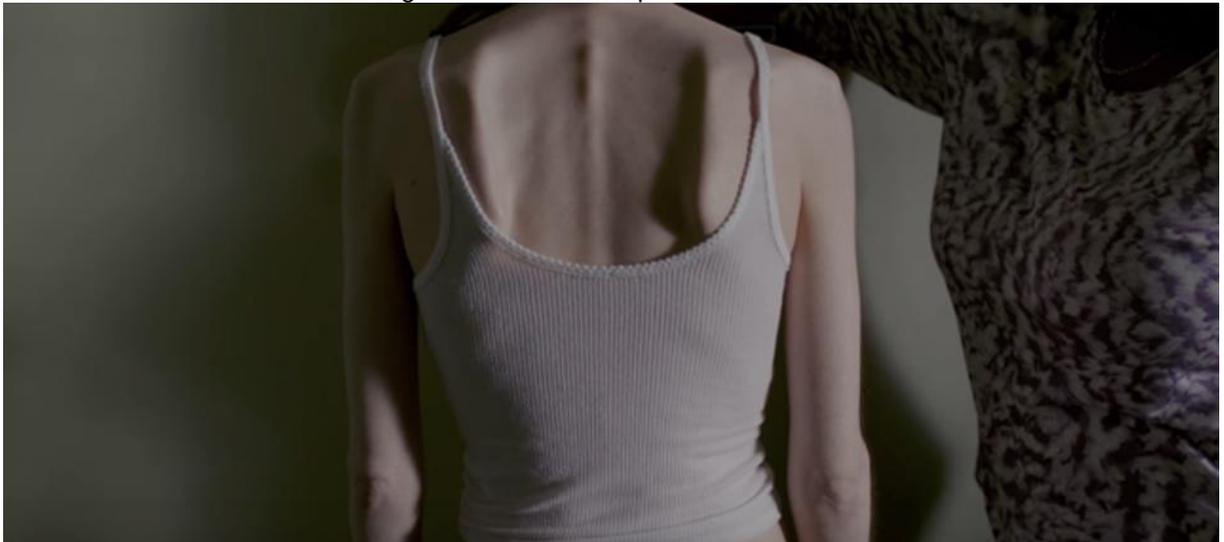
A obra ainda nos dias atuais continua sendo uma crítica contemporânea pois nós seres humanos ainda não nos libertamos das mídias que trazem esse 'certo' e 'errado' como uma verdade absoluta.

Também trago dentro da linguagem do cinema o filme "To the bone" (2017) no Brasil conhecido como "O mínimo para viver", que retrata aquele corpo magro demais. O filme conta a história de Ellen (Lily Collins), que sofre de *anorexia* com ajuda do médico Willian Beckham (Keanu Reeves), que digamos que é um médico não muito convencional ele busca meios de superar a doença.

A partir da minha análise pude perceber que o filme mostra não a cromatização das doenças, mas que quem sofre anorexia ou bulimia pode aparentar estar fazendo uma escolha, mas na verdade, trata-se de uma escolha não inconsciente, mas que envolve vários fatores como por exemplo; problemas familiares, problemas em aceitação do corpo, falta de autoestima e também as mídias o consumo e a própria cultura que estamos vivenciando.

A personagem demonstrando estar no controle da situação e que está satisfeita com ela e com seu corpo. Mas a todo o momento pude perceber o corpo frágil e esquelético da personagem, a fotografia do filme deixou bem vidente esses detalhes.

Figura 12 - O Mínimo para Viver - 2017



Fonte:<

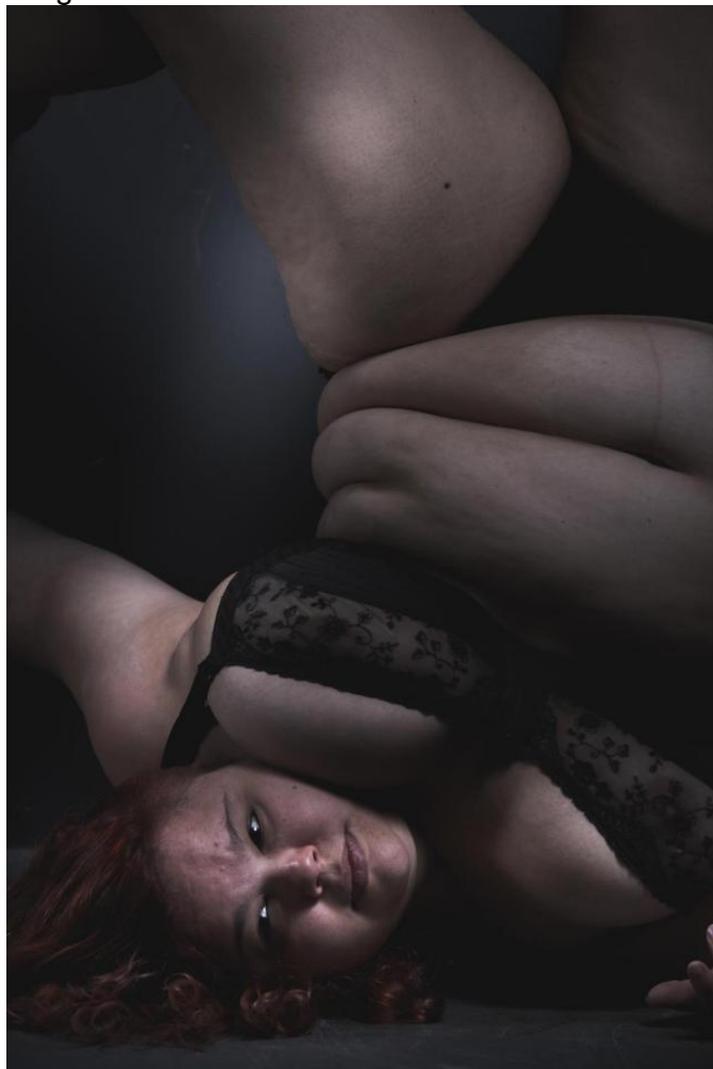
http://www.hindustantimes.com/rf/image_size_960x540/HT/p2/2017/07/13/Pictures/_6041de9c-6797-11e7-95fb-ec6334583ea6.PNG>

O filme também dá lugar para questões do ponto de vista dos outros personagens que embora sejam plano de fundo, também retratam suas angústias

como o da personagem que estava grávida e sofria dificuldades em manter a gravidez, pois sofria com a doença de anorexia⁷.

Dentre esses exemplos que citei trago para compartilhar a linguagem da arte da dança bailarina Jussara Belchior integrante do grupo CENA 11 CIA DE DANÇA/2017 que se destaca com sua apresentação *Peso Bruto* mostrando um corpo gordo em dança quebrando paradigmas sociais de um padrão de beleza idealizado pela sociedade.

Figura 13 - *Peso Bruto* Jussara Belchior - 2017



Fonte <<http://zh.rbsdirect.com.br/imagesrc/23223386.jpg?w=640>>

⁷ A anorexia é um distúrbio alimentar que provoca uma perda de peso acima do que é considerado saudável para a idade e altura. Pessoas com anorexia podem ter um medo intenso de ganhar peso, mesmo quando estão abaixo do peso normal. Elas podem abusar de dietas ou exercícios, ou usar outros métodos para emagrecer. Disponível < <http://www.minhavidacom.br/saude/temas/anorexia>> Acesso: 28 out 2017.

Em minhas pesquisas sobre artistas contemporâneos que se destacam por projetos artísticos que envolva o corpo gordo, Jussara Belchior em especial me chamou muito a atenção tanto pela sua coragem em querer mostrar seu corpo como ele é, quanto pela sua fala perante os paradigmas que é encontrado no decorrer de sua carreira como bailarina.

Em entrevista realizada pelo site Jornal 2017⁸ de Santa Catarina sobre a sua carreira de bailarina ela enfatiza: “As competições tinham a pressão do padrão. Quando o grupo recebia as notas, junto vinham as observações do tipo ‘**cuidado com o peso das bailarinas**’⁹”.(Jussara Belchior,2017) Isso me fez refletir sobre esse cuidado com o peso exigido pelos jurados, seria a mercê da saúde ou da própria estética da dança? A mídia nos impõe que um corpo gordo é considerado um corpo ‘descuidado’ um corpo ‘feio’.

A sociedade em produção segue-se a do consumo, na qual a percepção do corpo é dominada pela existência de uma vasta gama de imagem que propõem padrões de representação corporal. (VILLAÇA, 1998. p 39)

Com a mídia colocando nas capas de revistas femininas, mulheres magras na maioria das vezes com roupas que marcam bem seu corpo magro e ‘escultural’ perfeitamente nos padrões em que a mídia acredita ser o ideal de ‘beleza’, com dicas de saúde de como você pode cuidar do corpo, acredito que nós seres humanos começamos a ligar saúde e cuidado com magreza.

Difícilmente em revistas desse porte presenciamos mulheres gordas como indicativo de saúde, se você chegar a vê uma pessoa gorda em uma capa de revista logo vem a foto do lado da mesma magra. Fazendo o leitor analisar o antes de depois esses tipos de fotos conseguimos perceber que no ‘antes’ o rosto da modelo está triste até sua postura a mostra cansada, geralmente com roupas desconfortáveis e apertadas. Já a foto que mostra o ‘depois’ vemos a mesma com a felicidade esbanjada na capa da revista, já com outra postura mais animada podendo estar vestindo a mesma roupa para dar mais impacto na diferença de

⁸ Jornal de Santa Catarina, 19/04/2017 Disponível em: <
<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2017/04/corpo-gordo-em-danca-bailarina-jussara-belchior-estreia-solo-peso-bruto-em-florianopolis-9774764.html?impressao=sim> > Acesso dia 28 out.
17

⁹ Grifo da pesquisadora.

corpo, como podemos observar na imagem abaixo da capa da revista Sou mais Eu! Publicada em janeiro de 2011.

Figura 14 - Revista: SOU MAIS EU – 2011.



Fonte <<http://4.bp.blogspot.com/>-

KO4dzt6U6A/U2DnZhrBAul/AAAAAAAAAYs/zu3Xiv2mkIU/s1600/PQAAAFew1MieAyuMDzLgeLg58i
P3ULQHTkZPkaylbpP7B1YsRVoSqTHgElf2naZZXTHsG-
fWSTfjkXEjliRymBB49GYAm1T1ULfHSMihMCVZr3M3AzyiVfkAD8SU.jpg>

A partir da fala de Jussara Belchior fui pesquisar o projeto Peso Bruto, ao ver o trecho de sua obra solo publicada no site Youtube¹⁰ me deparei com uma mulher gorda, totalmente fora desse padrão idealizado mas com uma expressão sincera e provocante com movimentos pesados e ao mesmo tempo suaves e significativos, seus movimentos me causaram estranhamento, ela não estava tentando esconder seu corpo ou ficar em posições que mostrasse seu melhor ângulo, fazendo jus ao nome, sendo absolutamente bruta e mostrando cada detalhe de seu corpo. Seu site traz mais sobre essa pesquisa;

¹⁰ **YouTube** é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês “you” que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Disponível em < <https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso 29 out. 17

Essa pesquisa parte do estranhamento do corpo gordo na dança, problematizando os preconceitos atribuídos aos corpos pesados, não apenas na dança, mas também no cotidiano. O gordo é, em geral, visto como um corpo não permitido, não belo e não desejável que, além disso, não consegue controlar seus impulsos nem sua voracidade. No entanto, estar fora de um padrão determinado como correto pode ser entendido como uma forma de resistência as imposições sobre os padrões de beleza e de comportamento. Estas são questões que guiam o processo de criação desse espetáculo, *Peso Bruto* reflete também sobre a questão da aparência associada a noção de “peso bruto” para o mercado, que resulta da soma do peso do produto mais sua embalagem. Desse modo, é possível acessar possibilidades imagéticas do gordo não restritas a aspectos pejorativos. Este processo de criação em dança parte da imagem (da gorda) para gerar uma dança que dialoga entre o peso, o desejo, o apetite e a beleza, colocando em contraposição o controle e a brutalidade. . (JUSSARA BELCHIOR, 2017)

Conhecendo um pouco da trajetória de Jussara me fez lembrar das minhas próprias experiências artísticas, usando e abusando do próprio corpo em forma de crítica social perante os padrões impostos pela sociedade brasileira que vivemos hoje.

4 MEU ERRO FOI SER GORDA? MEU ERRO FOI SER GORDA!

[...]O Corpo é meu
 Não gostô problema seu
 Não preciso da sua aprovação não, então valeu¹¹[..]

Esse capítulo apresentarei minhas obras artísticas e minhas vivências, espero que entenda que meu objetivo aqui é provocar uma reflexão sobre o que a Arte proporcionou em minha vida, mudanças no meu ‘eu’ na minha essência que aconteceram a partir das minhas vivências atuando em performance, ensaios fotográficos, entre outros.

POPO¹² – A ORIGEM

O ‘Popo’ se originou em minha vida quando tinha 9 anos. A mãe da minha melhor amiga que por sua vez era diretora da escola onde estudava, começou esse apelido, não me recordo muito bem o porquê, mas ao perguntar para ela, apenas tive a resposta que era uma forma carinhosa de me chamar de gordinha. Em momento algum eu senti que esse apelido era agressivo ou ofensivo. Eu gostava (e gosto) muito desse apelido.

Lembro que em uma tarde estava na sala no ensino fundamental fazendo minhas atividades e a diretora apareceu em sala solicitando falar comigo, mas ao aparecer na porta da sala ela falou ‘Onde está minha **popotinha**’ naquele momento a sala inteira olhou para eu.

Pude perceber as piadinhas e as risadas na sala de aula, a professora demorou para conter os alunos.

Fiquei muito envergonhada naquele momento, mas continuei meus exercícios na sala, os colegas de classe usavam tudo em favor da prática do *bullying* e eu notava que não era apenas comigo que isso acontecia, mais com todos que se achessem a ser diferente, era sempre o mesmo grupo de meninos que praticavam.

¹¹ Música I M C por Issa Paz & Sara Donato <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Issa-Paz-Sara-Donato/I-M-C>

¹²Popo- Pseudônimo de Priscilla da Silva Reinert –texto auto-biografico.

Eu literalmente odiava aquela escola, odiava estudar, odiava a todos que estavam presente naquela escola, nunca fiquei um dia em paz, ao chegar na escola os meninos já começavam a me chamar de vários nomes como, gorda, obesa, baleia, rolha de poço e tudo quanto é nome 'ruim' e de uma forma bem agressiva. Não lembro das professoras ou a direção fazer algo para acabar com essas agressões.

Ao questionar a diretora na época ela disse que na escola antigamente não existia o termo *bullying* e elas levavam as ofensas como brincadeira de criança, nunca levavam a sério essas atitudes e instruíam as vítimas a não dá moral para os agressores. Mas como criança e escutando as ofensas o período todo da escola, todos os dias, pois apesar de escutar na escola, em casa o julgamento do meu corpo era muito presente, não era fácil ignorar.

Lembro também que quando comecei a ignorá-los eles paravam as agressões verbais e partiram para as agressões físicas, fui empurrada na escada da escola, fui levada para o hospital, e como solução as professoras resolveram me deixar passando o recreio na sala dos professores, fiquei três meses passando o recreio com eles, e no dia que me liberaram e me deixaram passar o recreio com meus colegas, as agressões voltaram.

Para minha sorte aquele ano minha família ia se mudar de casa e com isso mudei de escola. Vi uma outra realidade, demorei um tempo para me acostumar com os novos colegas, foi um tempo de adaptação demorada mais não muito difícil. Alunos acolhedores e o respeito mútuo acima de tudo.

Meu corpo sendo julgado por uma sociedade tradicionalista foi por muito tempo taxado como 'feio'. Através da arte, consegui me expressar, me conhecer, entrar em contato com o meu sensível. Produzir obras que falassem do corpo, que trouxesse essa questão do 'belo' e 'feio'. Segundo Duarte Júnior (2004 p. 144):

A racionalidade moderna tentou silenciar os saberes do corpo que permitem o saber de si mesmo, da identidade do corpo, mas precisamos deixá-los emergir, especialmente por meio da experiência sensível na arte, que nos permite ampliar a percepção e a sensibilidade.

O número de propagandas que reforçam esse olhar da sociedade perante o corpo gordo, só aumenta, cada vez mais normal a presença de pessoas magras com o corpo escultural nas propagandas, filmes, novelas e qualquer meio de

comunicação. A cada dia que passa sinto mais dificuldade em achar roupas acessível ao meu estado econômico e principalmente do meu tamanho.

Todos os dias aumentasse o número desenfreado de propagandas com mulheres e homens esculturais, “sarados” e cada vez mais “sequinhos”. As lojas de roupas por vezes disponibilizam números de manequins cada vez menores. As clínicas de estéticas estão mais acessíveis e mais frequentadas. As cirurgias plásticas aumentam e possibilitam à vaidade humana o padrão tão exigido por nossa cultura da forma mais rápida possível. (AZEVEDO, 2007 p. 5).

Tive a primeira experiência com arte na aula de iconografia e cultura regional, onde elaboramos um projeto sobre os monumentos históricos da cidade, me recordo que fiquei com o monumento Dino Gorini localizado no paço municipal em Criciúma SC, onde no projeto questionei o valor cultural de cada pessoa ao retratar o monumento em espelhos para que cada etnia seja vista e sentia por cada pessoa, onde a pessoa ia até suas origens ao se olhar nos espelhos.

Figura 15 - Sem Título (2014) – Fotografia



Fonte: Acervo da Artista

A graduação de Artes Visuais me proporcionou muitas experiências com a arte. Tive a oportunidade de trabalhar Fotografia, o professor propôs uma atividade que constitui em produzir uma obra fotografica podendo utilizar um modelo ou a si

próprio, também teria que manipular a fotografia no *photoshop*¹³ como forma de experiência tanto com a câmera fotográfica quanto com os programas de manipulação de imagens.

Na aula fiz várias pesquisas para conseguir uma ideia do que fazer, a partir delas vi muitas referências de ensaios de mulheres nuas, achei espetacular, era algo novo que estava conhecendo, eu já havia visto o nu na arte mais não lembrava de ter visto com aquele outro olhar, um olhar mais provocativo mais questionador, conheci a artista Camila Cornelsen que é dona de um projeto fotográfico chamado XREAL (2017), a artista fotografa mulheres nuas em seus lugares preferidos e íntimo em busca do conformo da nudez através de um olhar feminino, é um projeto que tem como objetivo empoderar mulheres a admirar outras mulher e se identificar com a beleza de cada uma.

Figura 16 - Sem Título (2014) – Fotografia



Fonte:<

http://78.media.tumblr.com/5a2ed94172842dd0478763696e407fd4/tumblr_n31pqn9KFr1remryso1_500.jpg > acesso 29 out. 17)

Foi aí que percebi que essas fotos não se tratavam de modelos super magras, altas e ‘photoshopadas’ mas sim de pessoas fora de um padrão desejado. Percebi que naquela hora era o momento certo para iniciar minha trajetória. Afinal eu

¹³ Photoshop: Software responsável por Manipulação de imagens.

nunca havia batido foto do meu corpo e até então eu tinha vergonha de olhar para o espelho e encarar ele 'cara a cara'. Apesar dos obstáculos, do nervosismo o resultado não poderia ter sido melhor.

Orientei minhas colegas de como eu queria ser fotografada, ao estar pousando nua no primeiro momento não consegui me soltar, mas no decorrer do ensaio senti algo diferente, algo estava acontecendo, estava tão à-vontade como nunca estive, era muito difícil para mim deixar meu corpo assim tão exposto para as pessoas considerando que nem eu mesma conseguia olhar ele.

Estava alguém ali olhando meu corpo e registrando detalhes dele, meus sentimentos de medo e angustia passaram. O medo das pessoas rir ou fazer alguma 'piadinha' como já estava de costume, mas esse sentimento havia sumido por alguns momentos.

Figura 17 - Sem Título (2014) – Fotografia



Fonte: Acervo da Artista

Mas ao me deparar com as fotos no computador, para iniciar as manipulações, estava certa de que teria que manipular muita coisa, diminuir o tamanho da barriga, braços alterar totalmente meu corpo para ficar adequado a apresentação. Porém pude notar detalhes que antes eu não dava importância,

detalhes que eu achava que eram de certa forma ‘feios’ mais que fez a diferença, aquelas marcas faziam parte do meu ser, cada cicatriz cada ‘defeito’ fazia parte da minha história, comecei a ver meu corpo como ele realmente é. Acredito que foi esse o início do processo de aceitação do meu corpo.

Mas a aceitação do corpo que temos é um processo lento e que vivo a cada dia, pois se libertar da iconografia do corpo em uma sociedade capitalista e conservadora onde se erotiza todo o corpo feminino, onde a nudez feminina só é aceita quando ela não é autorizada, um mundo que não me sinto segura, onde se ganha dinheiro com a baixa autoestima de mulheres, não é uma coisa tão simples assim.

Partindo do mesmo conceito do corpo gordo, e como a sociedade me taxava por ser gorda, aproveitei um projetor e com meu corpo nu projetei a palavra que escutei quase minha infância toda e que ainda escuto constantemente.

Figura 18 - Gorda (2014) – Fotografia



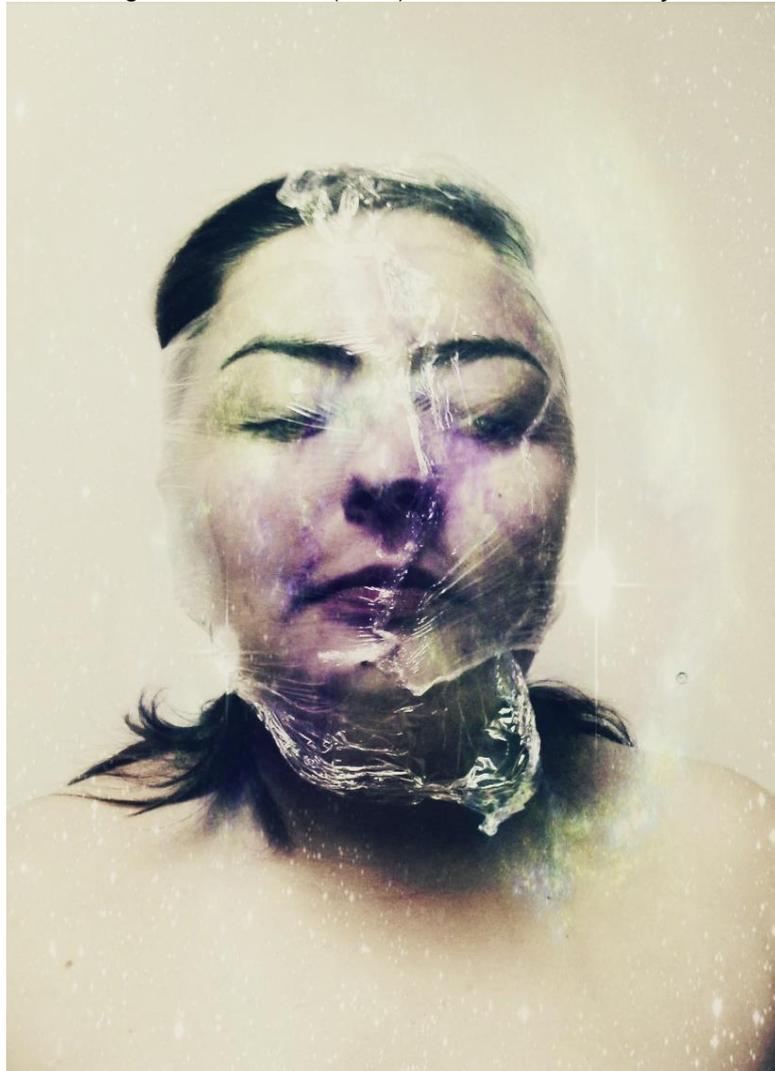
Fonte: Acervo da Artista

A sociedade é tão preocupada em atingir um padrão de beleza, que deixa a sua humanidade, seu respeito e seus valores de lado, esquecendo que tanto o corpo magro e bonito nos padrões quando o corpo gordo fora dos padrões não vale de nada se o mesmo não possui caráter e respeito com o próximo. O sentimento que antes escutava com a palavra gordo, foi se modificando com o tempo, passei a não

me sentir mais ofendida com a palavra. Pois ser gordo não é defeito, ser gordo também pode ser 'bonito' ou pode ser 'feio', também pode ser saudável ou pode não ser, a diferença física da pessoa não interfere nesse julgamento pois, nem todo magro é bonito, nem todo magro é saudável.

Ainda na linguagem da fotografia produzi uma obra realizada na aula de Escultura e Pesquisa, intitulada "*Sufoco*" (2015) com o intuito de mostrar essa realidade vivida por mim diariamente. Onde com um papel filme enrolado em meu rosto sem conseguir respirar, representando o sufoco que passo perante os julgamentos da nossa sociedade Brasileira.

Figura 19 - Sufoco (2015) – Escultura na Cabeça



Fonte: Acervo da Artista

Também na aula de Escultura e Pesquisa, com a proposta da professora Odete Angelina Calderan de produzir um livro escultura minha produção foi intitulada *'Habitat'* (2015), que se tratava de um livro encapado com carne de boi.

Figura 20 - Habitat (2015) – Livro Escultura



Fonte: Acervo da Artista

Retratar um corpo machucado e manipulado, com cicatrizes e remendos, um corpo ferido mais com a esperança de que um dia será visto como normal, um reflexo da sociedade conservadora dos dias atuais.

Figura 21 - Habitat (2015) – Livro Escultura

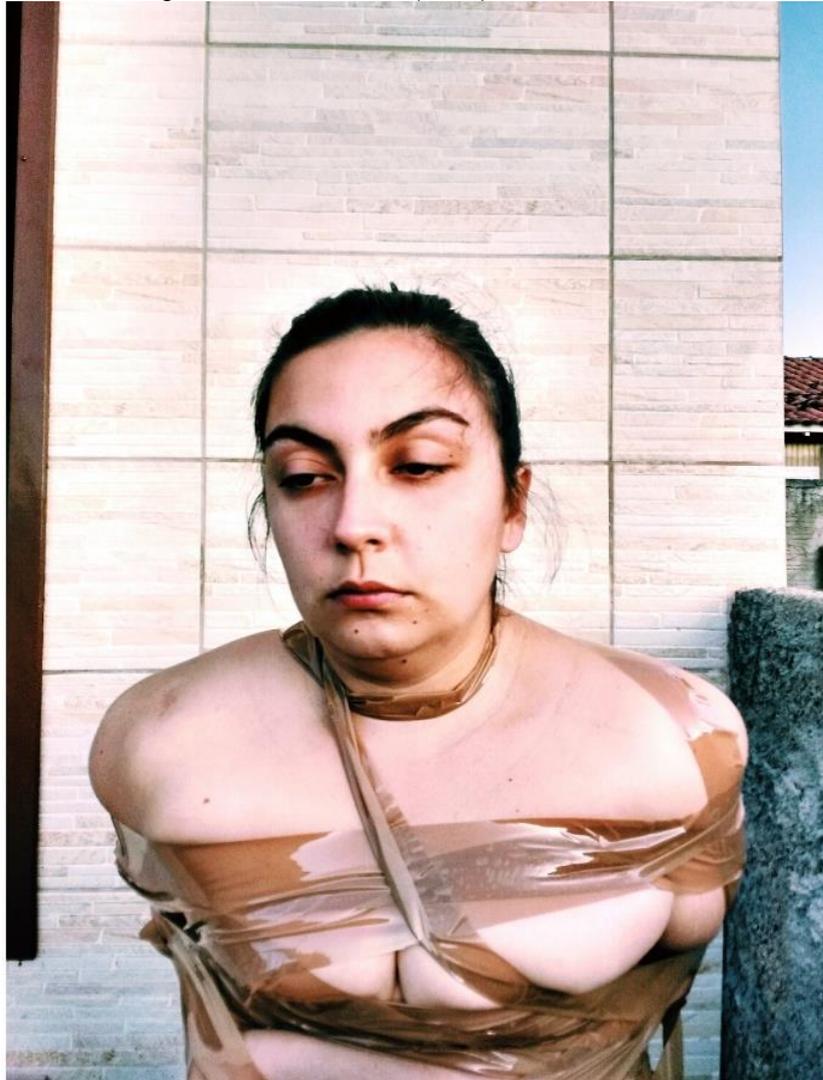


Fonte: Acervo da Artista

A carne representando a violência e o sofrimento vividos pelo meu corpo, o livro representando meu ser. A obra possui costuras e emenda retratando meus sentimentos perante os preconceitos vividos por mim.

Além da fotografia, a performance também está muito presente em minhas produções artísticas. A liberdade corporal que sinto ao apresentar uma performance é algo gratificante, é uma ferramenta que tenho em mãos para fazer críticas sociais.

Na performance que realizei no Sarau de artes em maio de 2016 no qual permaneço em torno de três horas amarrada em uma cadeira no meio do evento mostrando como eu, vítima do *bullying* se sentia excluída, discriminada e sozinha por não estar no padrão desejado pela sociedade. Sem conseguir ser eu mesma me sentindo presa a esses pensamentos e experiências vividas.

Figura 22 - Sem Título (2016) – Performance¹⁴

Fonte: Acervo da Artista

Lembro que no decorrer da semana em que eu estava me preparando para a performance, fiquei completamente nervosa, o medo de mostrar meu corpo para todos de um evento não é nada fácil, fiquei dias sem comer direito, sofria de ansiedade 24h, não dormia direito transpirava o dia todo.

Chegando o dia da performance meu corpo todo se anestesiou quando eu sentei na cadeira e senti as cordas me segurando comecei a me sentir mais segura. O dia ia passando o frio ia aumentando e meus dedos estavam arroxados e minhas pernas marcadas pelas fitas, lembro que fechei meus olhos e ali fiquei concentrada tentando não pensar em nada, esvaziar totalmente minha mente, tentando não

¹⁴ Vídeo da Performance disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=wKvOpatzKOM>>

pensar em ninguém que estava presente. A dor que eu sentia em meus braços marcados pelas fitas me anestesiava ainda mais, eu quis testar meus limites, quis testar os limites do meu corpo naquela situação. Apesar de sentir dores nada se comparava as dores que eu sentia no passado. A experiência do nu na multidão me libertou de muitos paradigmas que cercava meus pensamentos.

Na obra em que expus no coletivo “Armazém” em 2017 no mês de março, onde imprimo no PVC uma foto minha em pedaços que formava um quebra cabeça, com os pedaços guardado dentro de uma caixa, foi uma das obras onde o processo tendo em vista as minhas lembranças foram mais importantes que o resultado final.

Figura 23 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo da Artista

A caixa de alumínio onde meu corpo em pedaços estava guardado, como um templo protetor do meu corpo uma proteção do meu ser, onde meus sentimentos estavam guardados e de alguma forma seguro. Os pedaços espalhados do meu corpo representando a dificuldade de aceitar cada pedaço cada detalhe como a construção do meu ser.

Figura 24 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo da Artista

Somente durante o processo que o artista começa a viver a arte pois quando é finalizada quem passa a vivencia-la é o público, lembro que nessa obra muitas pessoas vieram me elogiar. Elogiaram minha coragem de mostrar meu corpo sem alteração digital, totalmente limpo e Para Ostrower (1990, p. 17):

[...] na arte, as formas expressivas são sempre formas de estilo, formas de linguagem, formas de condensação de experiências, formas poéticas. Nelas se fundem a uma só vez o particular e o geral, a visão individual do artista e da cultura em que vive, expressando assim certas vivências pessoas que se tornaram possíveis em determinado contexto cultural.

A experiência de tirar o 'eu' da caixa pegando cada peça e olhando cada detalhe do meu corpo impresso nela, cada ferida, cada sinal, cada cicatrização. Ao pensar que eu estava expondo algo que por muitos anos eu acreditei serem 'defeitos' influenciada pela mídia, família e o próprio *Bullying* vivenciado por mim no Ensino Fundamental II.

Fiquei muito surpresa ao perceber que os olhares de julgamentos que pensei que iria receber se transformaram em elogios e carinhos, lembro que uma amiga disse que chorou ao olhar minha obra, pois ela lembrou do dia em que eu estava no CA¹⁵ e começamos a conversar sobre nossos corpos e eu havia dito: "eu não estou muito feliz com o meu e que se pudesse modificá-lo, fazer alguma cirurgia estética, eu faria!", ela ficou pensando na minha fala pois no olhar dela meu corpo era completamente diferente do que eu havia me descrito naquele certo dia.

Todas as fotos de ensaios nu, performance etc, que produzi e que produzo, nos primeiros momentos me vem a mesma lembrança dos dias em que tinha aula de Educação Física no ensino fundamental, e na aula tinha o dia para medir o tamanho e se pesar, lembro me que quando a professora falava meu nome se ouvia cochichos e piadinhas dos alunos na sala de aula. Esse sentimento de vergonha do meu corpo, das pessoas julgar e fazer piadas dele vivencio até hoje.

De acordo com que fui divulgando meus trabalhos nas redes sociais despertou nas pessoas interesses em também utilizar meu corpo, sem medo do nu, foi o que aconteceu com a fotografa Mariana Demétrio que por sua vez estava em fase experimental de ensaios femininos e me lançou o convite para o ensaio.

¹⁵ CA: Centro Acadêmico de Artes Visuais

Figura 25 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo da Artista Mariana Demétrio

O ensaio foi em um sítio localizado em Criciúma SC, o dia estava muito calor, apesar de ser um sítio mesmo assim estava abafado, fazendo seus 32º graus, nunca havia batido fotos ao ar livre apenas em estúdios, apesar que nessa época já estava mais acostumada a fazer fotos nuas, era em um local aberto meu corpo estava todo travado, lembro-me que de minuto a minuto olhava para todos os lados para certificar-se de que não havia ninguém me observando.

Na maioria das vezes não sabia o que fazer, mais Demétrio foi me tranquilizando e conforme foi se passando o tempo, meu corpo começou a se adaptar a situação minha mente começou a focar mais na câmera e a esquecer o que estava ao meu redor.

Demétrio relatou que *“Apesar das dificuldades no processo da fotografia pois no dia estava muito calor e acabou não sendo confortável tanto para mim quanto para a Popo (Priscilla Reinert), mas a experiência foi diferente, o resultado foi maravilhoso apesar dos desconfortos alheios”*.

Figura 26 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo da Artista Mariana Demétrio

Nesse mesmo dia, o artista, fotógrafo e ilustrador Fernando Souza esteve presente para auxiliar Mariana Demétrio nas fotos, tive a oportunidade de estar nas lentes de dois fotógrafos diferenciados, ao perguntar para Fernando Souza como foi a experiência de retratar meu corpo, e produzir esse ensaio disperso ele diz “ *Foi um ensaio legal de fazer pois saiu fora tanto das regras da fotografia quanto das regras dos padrões sociais. Foi um ensaio onde senti liberdade total de mexer com a fotografia como eu quisesse*”.

Deixar o artista a vontade com o corpo, deixar se levar pela ideia do fotógrafo, é uma experiência única, pois nenhuma foto é igual a outra, cada uma tem seu significado, cada fotógrafo tem seu olhar perante o corpo que está ali a mercê das lentes fotográficas. O artista coloca também suas emoções em cada obra.

Figura 27 - Sem Título (2017)

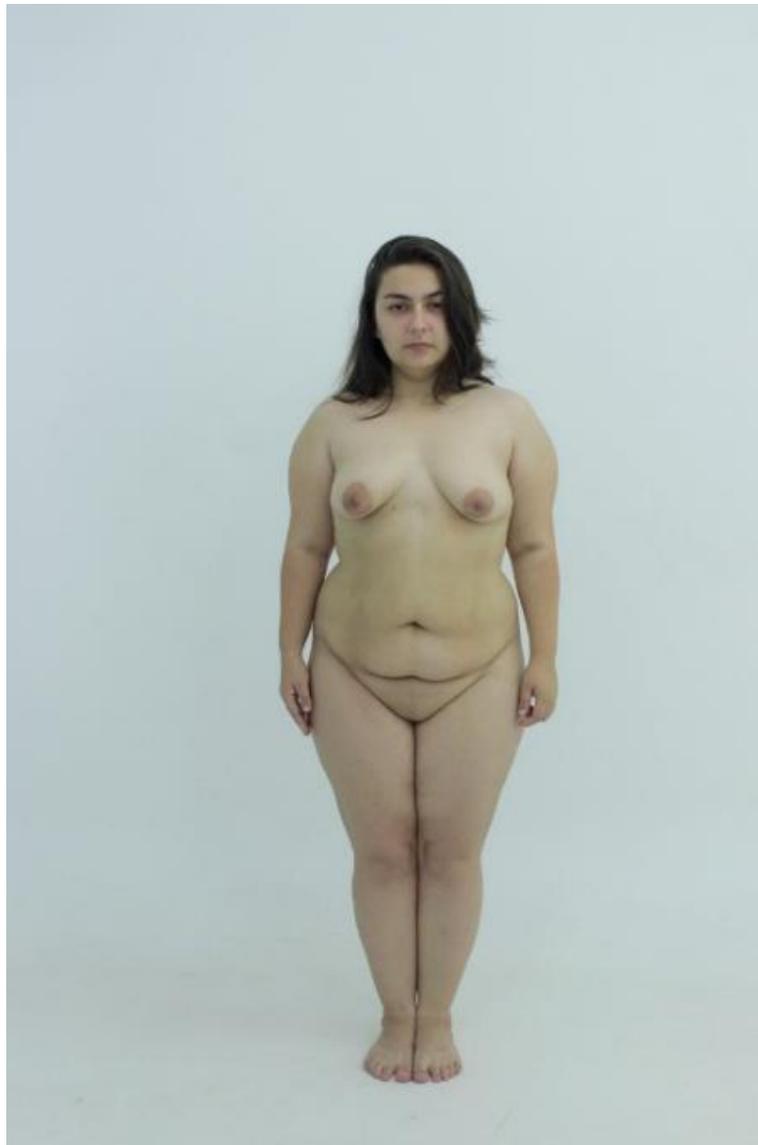


Fonte: Acervo do Artista Fernando Souza

O olhar do Fernando Souza perante meu corpo, senti o mais natural possível, tanto nos ângulos de fotografias quando nas edições sem manipulação das mesmas, sem nenhum tipo de retoque em meu corpo, minhas marcas, minhas cicatrizes permaneceram lá e mesmo estando lá apenas valorizou mais as fotos. Em minhas análises a partir das minhas experiências é preciso ter confiança em si e no artista que está produzindo e utilizando seu corpo como pivô da arte dele.

O fotógrafo e ilustrador Mike Zanette, produziu um ensaio fotográfico registrando meu corpo. A ideia inicial do ensaio era uma série de fotos que íamos bater a cada mês, registrando o meu processo de emagrecimento, pois na época meu foco em querer perder peso era muito importante para relatar as mudanças que tive em minha vida ao perder peso, mais infelizmente não consegui permanecer na proposta pois a perda de peso necessita de um tempo de dedicação que não havia na época. Mas no dia do ensaio aproveitamos e não focamos apenas na ideia do projeto inicial.

Figura 28 - Sem Titulo (2015)

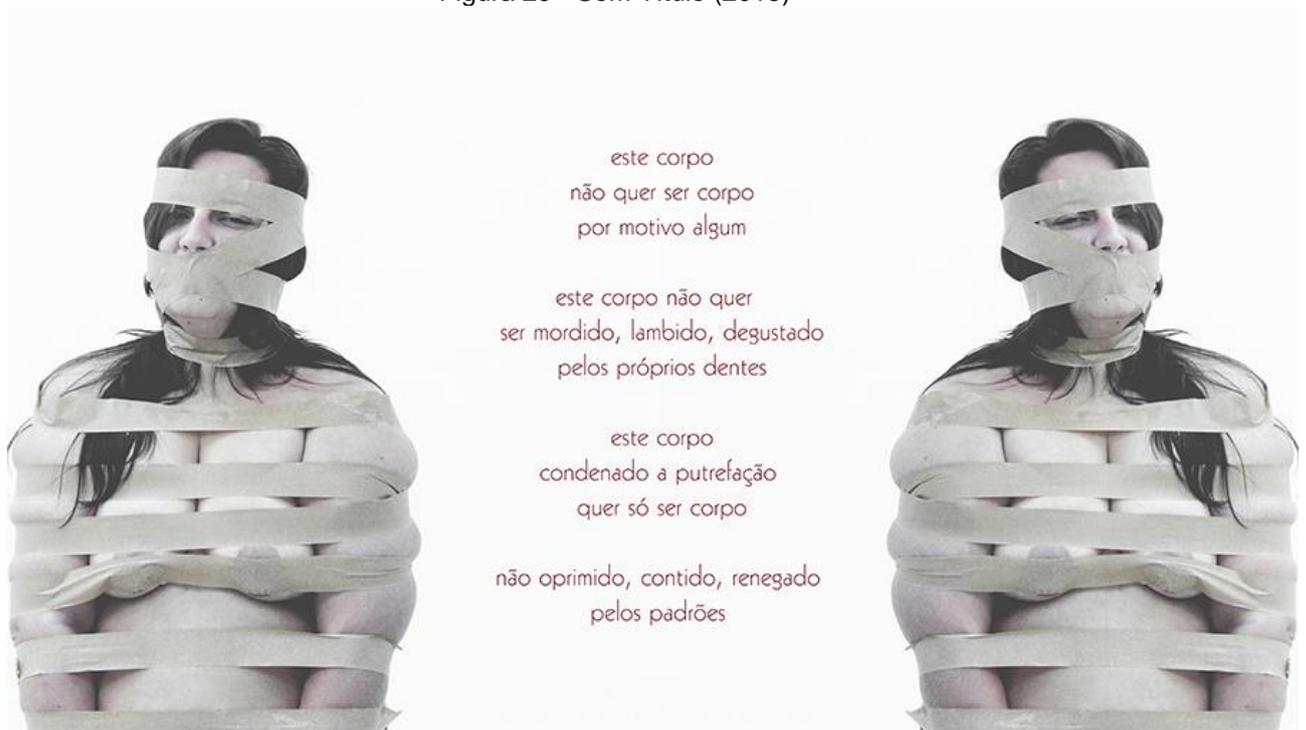


Fonte: Acervo do Artista

No estúdio havia eu (Priscilla Reinert), Mike Zanette, levamos fitas adesivas e nossos corpos dispostos as ideias de Zanette. Foi então que o artista começou a me enrolar nas fitas adesivas, enquanto ele ia me amarrando ele ia falando a seguinte frase *‘essa (as fitas) é a sociedade te prendendo, não deixando ser você mesma.’* Junto com a foto o artista escreveu uma pequena fala de autoria própria.

O artista Zanete relatou um pouco do processo do ensaio *‘Fomos trocando ideias e exercitando alguns flashes, onde chegamos a ideia de que o corpo humano é cheio de amarras, pré-conceitos e então surgiu a ideia de prender o corpo com fitas adesivas representando essas “prisões” sociais das quais somos impostos.’*

Figura 29 - Sem Título (2015)



Fonte: Acervo do Artista

Apesar do artista ser magro e na teoria era para estar no padrão de beleza, mas como muitos brasileiros ele também sofreu com o bullying, ele diz *‘Ela representando um corpo gordo e eu representando um corpo muito magro. Foi uma experiência transgressora, criativa e divertida.’*

Figura 30 - Sem Título (2015)



Fonte: Acervo do Artista

Ainda no ramo da fotografia conheci o trabalho de Franciele Rabelo, onde seu foco era ensaios fotográficos de corpos femininos, apesar de já ter feito alguns ensaios com outros artistas, sempre tive a curiosidade de saber como seria o olhar dela, perante um corpo diferente do que ela estava acostumada. Entrei em contato para saber os valores que Rabelo estava cobrando para fazer os ensaios, durante a conversa a questioneei se ela já teria produzido algum ensaio com um corpo gordo, e ela havia afirmado que produziu apenas uma vez, mas não tinha autorização de publicá-las. Também lembrou que nunca havia batido fotos de meninas gordas pois nenhuma procurava ela, e quando procurava afirmavam que teriam que emagrecer primeiro para depois fazer o ensaio.

A artista então me fez um convite para visitar seu ateliê, localizado no centro de Criciúma SC, onde era produzido boa parte dos ensaios. Aceitando o convite me dirigi até o ateliê. Uma tarde chuvosa Rabelo me encontro com muitas

flores na mão, ela então havia tido algumas ideias para nosso ensaio a partir dos meus questionamentos a ela.

Ao iniciar o ensaio no primeiro momento fiquei com muita vergonha de mostrar meu corpo, pois ficar nua para alguém que não é do meu convívio social é motivo para sentir todos meus traumas. Conforme íamos conversando, o medo de ser ridicularizada de alguém rir do meu corpo foi passando.

Figura 31 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Iniciamos uma conversa sobre os padrões midiáticos impostos hoje na sociedade, como esses padrões influencia nossas vidas e nos processos fotográficos de Rabelo, ela então diz *“Como temos uma ideia pré-concebida da estética e ao fotografar tentamos encaixar esse corpo gordo nesse padrão estético atual, essa é a maior dificuldade. As referências na internet sobre fotografia ou moda para mulheres que não se encaixam no padrão são poucas exploradas o que dificulta ainda mais. A indústria da beleza, o culto a perfeição feminina, as manipulações das imagens em todas as mídias criaram o conceito de mulher ideal, uma forma de controlar e enraizar preconceitos contra nós mesmas”*.

Figura 32 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Rabelo tem fotos publicadas em revistas de moda como a Vogue¹⁶, ¹⁷B-Authentique por exemplo, questioneei sobre a existência de um pré-requisito (gordo, magro, diferença de gênero, raça ou cor) para as escolhas das fotos que seriam publicadas nessas revistas. A artista confirma a existência de padrões em algumas revistas de moda mas lembra ‘Algumas dão preferência para a arte em si, o conceito/atitude por trás da foto, indiferente do corpo ser magro ou gordo, uma mulher gorda pousando pode ser selecionada por uma revista.’” E enfatiza “Hoje cresceu o número de revistas virtuais para mulheres fora do padrão, anda mais

¹⁶ Vogue é a revista feminina de moda mais importante, conceituada e influente do mundo publicada desde 1892 pela Condé Nast Publications em 22 países.

¹⁷ B-authentique é uma revista on-line que apresenta um trabalho único e elegante de diferentes artistas de todo o mundo. Usamos as redes sociais para encontrar e conhecer fotógrafos apaixonados, modelos, músicos, pintores, designers // artistas // que, acreditamos, inspiram nossa geração. (Disponível <<http://www.b-authentique.com/about>> acesso em 30 out. 17)

democrático. A moda que influência tanto os jovens vêm em passos lentos. O que não conseguimos quebrar é essa regra, a tendência norte americana de mulheres modelos, loiras, bronzeadas e esqueléticas que influenciam até hoje os novos fotógrafos.

Ao finalizar o ensaio, senti meu corpo totalmente relaxado, me olhei no espelho e vi outra pessoa, estava me sentindo muito realizada com o ensaio, conversei sobre isso com Rabelo, se ela notava diferença nas modelos ao terminar as sessões, ela então respondeu “*Sim, muitas saem do estúdio confiantes e ‘libertas’ se aceitando mais. É um momento íntimo com ela mesmo, a câmera é um ‘espelho’ observando minuciosamente seu corpo cheio de marcas e memórias.*”

O ensaio rendeu fotos maravilhosas, Rabelo resolveu desafiar seu público ao fazer as primeiras publicações nas redes sociais, assumo que o medo e a ansiedade estavam voltando novamente, agora minhas fotos iam ser vista por milhares de pessoas pois só no instagram¹⁸ ela tem na média de 7.267 seguidores.

Figura 33 - Print da Pagina do Instagram (2017)



Fonte: Acervo do Artista

¹⁸ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

Questionamos a existência de uma legenda para a descrição da foto, mais achamos melhor não colocar nada, apenas o contato para orçamento, e esperar o público reagir, depois de 15 min de publicação Rabelo relatou que havia perdido alguns seguidos, mas as curtidas não paravam de aumentar.

Perguntei para a artista a reação do público ao publicar a foto foi diferente ela então responde *“Sim, houve uma ruptura de ideias e padrões ao publicar a foto. A sociedade em geral não está habituada a ver um corpo gordo nu, a reação de muitas pessoas no primeiro momento foi de repulsa, seguida por um "insight" "Mulheres gordas normalmente estão cobertas" "Mulheres gordas não se expõe de uma forma tão crua" "corajosa dentro desse mundo de rede social de pessoas perfeitinhas" "sem medo de ser julgada" "queria ter a auto estima boa como a dela".*” A foto teve apenas um comentário negativo na foto, talvez porque o trabalho de Rabelo atinja uma minoria de jovens que defendem a igualdade entre as mulheres.

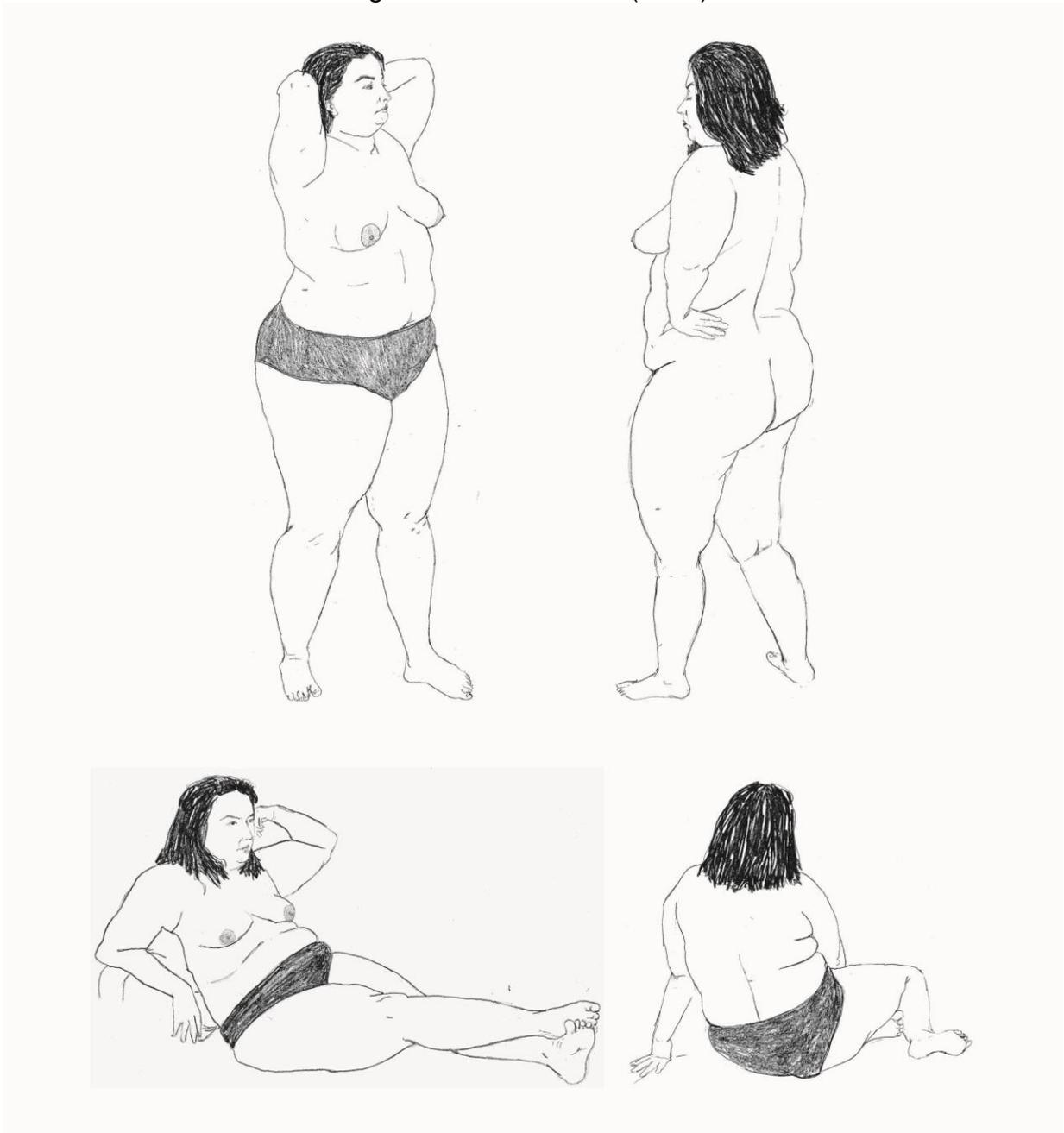
A artista Juliana Veloso também esteve presente em minha formação, participei de um projeto da artista onde fui modelo, pousando cerca de 1h revezando em 4 posição, ficar parada sem se mover em uma posição apenas é um tanto que desconfortável e diferente, no início estava tensa mais com o passar dos minutos a artista foi conversando e me tranquilizando. Para os desenhos participaram 42 mulheres totalizando 160 desenhos, a artista falou um pouco da experiência do projeto:

“Ele foi esgotante, porém gratificante!!! No total participaram 42 mulheres e 160 desenhos foram realizados. A repercussão na universidade foi ótima, tivemos uma abertura muito bacana com a fala do Vice-Reitor, do Setor de Cultura, da Biblioteca e da curadoria pela OMA Galeria.

Após a abertura tivemos um bate papo com grupos convidados, tivemos a presença dos coletivos feminista e LGBT da UFABC, a presença do Sindicato dos Trabalhadores da UFABC liderado por duas mulheres maravilhosas e também do setor de RH com a presença de uma Psicóloga que trabalha com a Assistência Social dentro da universidade. A conversa foi linda, se manteve acerca de questões como o preconceito sofrido pelas mulheres dentro da universidade e fora dela. Também ouvi palavras lindas de mulheres que participaram do projeto e outras que gostariam de ter participado. Algumas se referiram à experiência de posar como uma

"reunião de irmãs", um momento de autoafirmação, de empoeiramento de seu próprio corpo, de afirmar o espaço da mulher na sociedade."

Figura 34 - Sem Título (2017)



Fonte: Acervo do Artista Juliana Veloso

Saindo um pouco da fotográfica e partindo para uma nova linguagem da arte que estou focando a vídeo arte, no decorrer do processo de conhecimento dessa linguagem, produzi alguns vídeos artes para experimentação dos programas e de ângulos de filmagem.

Iniciei minha experimentação com o vídeo *'Sem Título' (2015)*¹⁹ onde utilizando como referência a serie americana American Horror Story, por não se tratar de uma série típica de terror com cenas clichês, em minha análise da série percebi que os ângulos de filmagem e a estética são bem autênticos.

Figura 35 - Sem Título (2015)



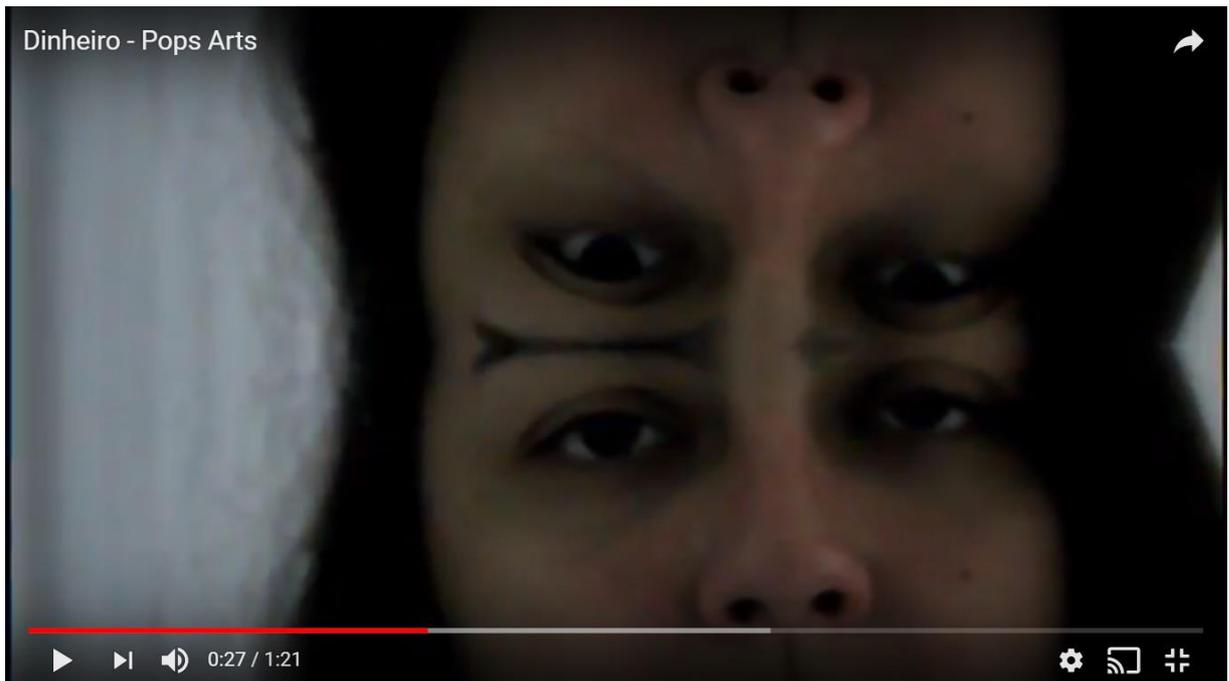
Fonte: Acervo do Artista

Em seguida produzi o vídeo arte titulado *'Dinheiro' (2016)*²⁰, utilizei um trecho da música \$\$\$ [Dinheiro] 2005 do grupo musical Quinto Andar, a partir da minha análise a música retrata o mundo capitalista onde nós seres humanos estamos vivendo, tudo movido pelo dinheiro e ganancia.

¹⁹ Sem Título (2015): vídeo disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=M5tlgLJ4snY>>

²⁰ Dinheiro (2017): vídeo disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=07yDQ1g9qXM>>

Figura 36 - Dinheiro (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Junto com a música no vídeo havia cenas do meu rosto olhando para a câmera e efeitos visuais deformando meu rosto. Esse vídeo foi algo que surgiu a partir do processo de filmagem, fazendo experimentações com as configurações da câmera e com o programa de edição de vídeo.

O terceiro vídeo produzido foi a partir de uma aula de improvisação teatral onde o professor no ato do exercício solicitou que criássemos um personagem, e a partir desse personagem imaginar e interpretar os trejeitos do mesmo escolhido. Esses trejeitos envolvia a personalidade desse personagem como, risada, choro, modo de andar, e o jeito de amar. No exercício ficávamos andando espontaneamente pela sala fazendo a interpretação de acordo com o que o professor ia solicitava.

Quando ele falou para mostrar, o olhar de Amor desse personagem, como esse personagem ama? Fiquei um pouco envolvida emocionalmente pois ao andar pela sala e vê cada olhar das pessoas que estavam ali envolvidas foi algo diferente e lindo. Quando escutei a música 'Preta da Quebrada' (2017) da cantora Flora Matos, onde ela diz.

'Saber como nos posicionar internamente
Pra que qualidades naturais brotem
Sem a gente precisar entrar em acordo

Sem a gente dizer assim: Cê vai me amar por 30, 20, 40, 50 anos?
 Certamente a pessoa vai te amar, pra sempre
 Mas talvez não da forma como a gente gostaria
 Não no esquema em que a gente gostaria
 As coisas vão mudando
 As faces do amor podem mudar
 Mas a gente não sabe, a gente não sabe se relacionar
 Com a realidade nessa perspectiva, né? Da liberdade
 Isso é convite pra ser adulto[...]

A partir da minha análise o pequeno trecho da música pude perceber que ela fala sobre o relacionamento correspondido de uma maneira que as vezes não entendemos que não é a forma que queríamos ser desejados, mais que isso não significa que a pessoa não sinta nada, ela apenas demonstra de um jeito diferente do nosso.

Figura 37 - Isso é Amor (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Solicitei para que alguns amigos olhassem para a câmera com um olhar apaixonado, para alguns não foi uma tarefa fácil pois, muitos ficaram tímidos, outros não sabiam como era esse olhar. Pedi então que essas pessoas fechassem os olhos, e imaginasse alguém que eles amassem muito, poderia ser algum parente próximo, ou até um amor não correspondido. A produção do vídeo intitulado 'Isso é

amor' (2017)²¹ rendeu muitos comentários positivos, fiquei muito feliz com o resultado.

Em minha próxima produção foi algo que me marcou muito, como todos meus trabalhos artísticos costumo usar meu corpo, interligando minhas vivências, sem nenhum medo, sem nenhuma restrição, chegando nos limites das dores físicas e emocionais. No vídeo titulado 'Padrão' (2017) mostro minha revolta perante meu corpo gordo, esse corpo que por muitos anos talvez até nos dias atuais eu rejeito, é um sentimento muito estranho pois, em alguns momentos da minha vida eu o culpo por coisas ruins que acontece.

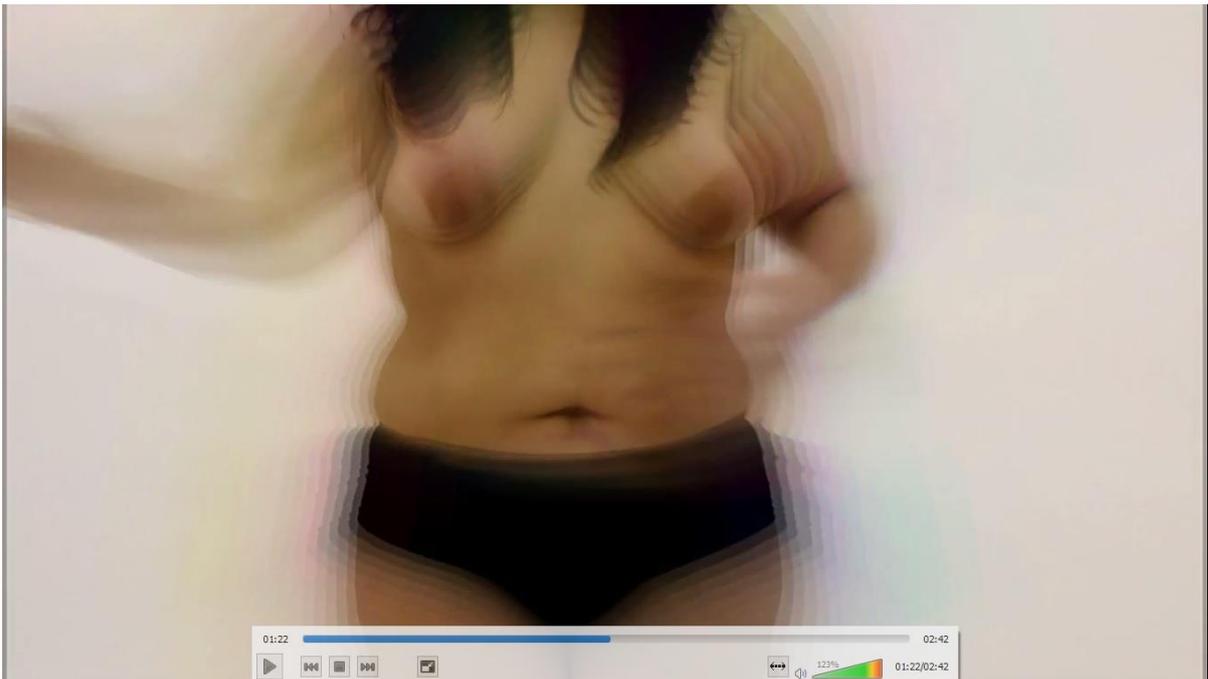
Eu culpo o meu corpo, pois na maioria das vezes me senti excluída das festas de não ser desejada por alguém, por não conseguir comprar uma calça jeans sem ter que procurar muito e ainda pagar muito caro para isso, por escutar piadinhas, por ouvir as mesmas críticas, as mesmas dietas, os mesmos remédios para emagrecer, sentir os mesmos medos, de sentir tanta dificuldade de ama-lo.

Senti a necessidade de gravar meu corpo, queria gravar cada detalhe do mesmo nu, solicitei para que gravasse por partes, primeiro os pés e assim subindo a câmera lentamente para não perder nenhum detalhe, durante o processo de filmagem lembrei da artista performática Marina Abramovic, em uma de suas performances titulada 'Art must be beautiful... artist must be beautiful... (1975)' onde a artista questiona padrões estéticos o video tem duração de 13min onde ela escova seus cabelos sem parar, conforme ela ia escovando ela falava 'a arte deve ser bela', 'o artista deve ser belo' ao analisar o registro parecia que estava sentindo as dores dela, a angustia dela.

Pensei então em agredir meu corpo fisicamente e registrar. Posicionei a câmera de acordo com o ângulo que queria, mas quando escutei o barulho da câmera iniciando a gravação, senti uma angústia muito forte passar pelo meu corpo todo, demorei alguns minutos para conseguir iniciar o ato. Mas quando iniciei não medi forças fui simplesmente socando ele, percebi que as dores físicas eu não estava sentindo, fui estapeando meu corpo sem dó por alguns minutos. Ao perceber as marcas que eu estava deixando em meu corpo, comecei a chorar e então parei a performance.

²¹ Isso é Amor (2017): Vídeo Disponível <<https://www.facebook.com/popsarts/videos/1938427409759023/>>

Figura 38 - Padrão (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Quando parei minha performance e chorei, o artista Julio Cesar que estava comigo registrou esse momento, com essas fotos ele produziu a obra titulada 'Selo Vergonha' (2017) segundo o artista Cesar 'A lembrança do corpo não ideal tão imposto na sociedade lhe dá sentimento de tristeza e raiva. Esse é o corpo que muitas vezes é visto como não saudável, sem saúde, alguém que só quer saber de comer. O momento que eu queria registrar foi assim que ela começou a chorar. O momento que eu queria registrar foi assim que ela começou a chorar. A espontaneidade, o sentimento real e intenso, deixando-a por um breve período ofegante e tentando conter o choro. Meu trabalho tem um grande foco na nudez, eu gosto do nu.'

Figura 39 - Selo Vergonha (2017)



Fonte: Acervo do Artista

Júlio Cesar acompanhou todo o meu processo de criação e atuação da performance. Meus problemas e meus sentimentos perante meu corpo, a revoltada que sinto é compartilhada a ele no ato da atuação. A contribuição dele para a minha arte foi de grande proveito para o processo de aceitação do meu corpo. Hoje entendo toda minha trajetória de formação acadêmica/artista/professora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas vivências, minhas dores, minhas alegrias, minhas lágrimas, meu corpo me fez o que sou hoje, lembro-me de um trecho do poema de Simone de Beauvoir que dizia um seguinte:

“ A impressão que eu tenho é de não ter envelhecido embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou pra mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa pra minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, unicamente o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo; vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.” (Simone de Beauvoir in “Viver sem Tempos Mortos”)

A arte me proporcionou mudanças. Cada trabalho artístico que faço me ajuda a aceitar mais meu corpo. E é por aí que acredito que de alguma forma nós professores, nós artistas, nós professores artistas podemos contribuir para uma sociedade mais sensível, mais tolerante e mais responsável por si e pelo outro.

A vontade de modificação de meu corpo ainda é real apesar de todo o trabalho que faço o processo de aceitação do mesmo, não é fácil, é algo que construo a cada dia, e a arte seria minha forma de ‘aceitação’.

A questão tradicional de aceitar ou não o corpo recebido torna-se agora: como mudar o corpo e até que ponto? Os desenvolvimentos das ciências da vida oferecem a possibilidade ao sujeito moderno de modificar seu corpo tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais de sua estrutura. A aceitação ou a recusa do corpo é uma possibilidade oferecida ao sujeito humano a partir do distanciamento obtido pela consciência de seu corpo, fruto da relação ontológica do sujeito. (VILLAÇA; GÓES, 1998 p. 29.)

Por meio das minhas obras e vivências associar minha linha de pesquisa às minhas produções enquanto artista, mostrando o quanto o *bullying* afeta o rendimento escolar e a vida de cada aluno que presenciou o *bullying* e como a arte pode promover essa mudança de olhar. Assim como aconteceu comigo, a arte fez perceber que meu corpo possui valor e o quanto ele (corpo) pode trazer essa

discussão nas escolas fazendo as pessoas refletirem através da arte sobre o *bullying*.

6.PROJETO DE CURSO: PROMOVENDO CRITICAS

6.1 EMENTA

O 'belo' e o 'feio' na arte, conversa sobre padrões de beleza que a cultura midiática impõe nos dias atuais, utilizando a arte para debater sobre essas questões.

6.2 CARGA HORÁRIA

8h/a

6.3 PÚBLICO-ALVO

Acadêmicos de Artes Visuais, Bacharelado e Licenciatura.

6.4 JUSTIFICATIVA

A ideia consiste em uma oficina para o curso de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado da UNESC, possibilitando aos acadêmicos fazer relações que promovem a colagem ligados a Pop Art.

Desta forma proponho através desse projeto trazer uma reflexão sobre o 'belo' e o 'feio' na arte, promovendo uma conversa sobre padrões de beleza que a cultura midiática impõe para nós nos dias atuais, e como podemos utilizar a arte para debater sobre essas questões, por meio da colagem, com influência da Pop Art. Pois na proposta curricular de Santa Catarina diz:

As reflexões sobre o belo na estética sustentam essas análises e, nesse sentido, devem permear as reflexões cotidianas no ensino da Arte. Ao ler, ouvir, apreciar uma obra, o sujeito experimenta sensações que o provocam, não no sentido de dizer 'isto é bonito' ou 'feio', 'bom' ou 'ruim', mas de refletir sobre o belo, o sublime, a privação da beleza, o grotesco entre outras possibilidades de valoração, nas situações contextuais, materiais e sensíveis que o artista, por meio da obra provoca no fruidor, apreciador da Arte. (SANTA CATARINA 2014, p 113)

Aproximando os alunos da graduação de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado com meios artísticos para possibilitar uma reflexão e formação crítica e estética.

6.5 OBJETIVOS

6.5.1 OBJETIVO GERAL

Incentivar o processo criativo dos alunos de modo a quebrar os estereótipos em torno da beleza.

6.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover reflexão sobre 'padrão de beleza' imposto pela mídia
- Ampliar seus conhecimentos por meio da experiência na colagem.
- Analisar como o artista Richard Hamilton traz essas reflexões da cultura em massa e dos padrões de beleza impostos da sociedade.

6.6 METODOLOGIA

1º Bloco – (4h/a)

No primeiro momento iniciaremos uma conversa sobre os 'padrões de beleza' impostos na sociedade atual, em seguida entraremos com o movimento da Pop Art dando uma pequena introdução sobre o movimento e suas críticas sobre cultura em massa, trazendo como referência o artista Richard Hamilton com sua colagem intitulada 'O que é que torna os lares de hoje tão diferente, tão atraentes? (1956)'.

A partir da obra de Hamilton podendo observar as críticas que o artista compõe em sua obra, irei propor para os acadêmicos que produzam uma obra com a linguagem da colagem dentro do movimento Pop Art, utilizando apenas revistas sobre moda.

2º Bloco (4h/a)

Nesse momento os acadêmicos iniciarão suas produções. Disponibilizarei revistas do núcleo da moda como Vogue, Bazaar entre outros. Para iniciar as

produções de colagem deixarei livre para que o aluno escolha qual o tamanho e o suporte que querem realizar suas produções artísticas. Finalizando suas colagens abriremos espaço no final da oficina para considerações finais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Schirlaine. **Em busca do corpo perfeito**: Um estudo do narcisismo. Curitiba: Centro Reichiano, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2003. 213 p

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CASTRO, A. L. de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

CONTRERAS, V. R. et al. **Salud y Obesidad en Adolescentes**. Revista Científica Elettrónica de Psicología. Número 10. ICSa - UAEH. Disponível em: <<http://repository.uaeh.edu.mx/bitstream/handle/123456789/12186>> Acesso em: 23/10/2017.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

ESCALLÓN, Ana Maria. **Fernando Boteto**. Editora Galeria de arte Almeida e Dale. São Paulo, 2012. Disponível em <http://almeidaedale.com.br/file/publicacoes/9folder%20ad%20botero2012_online.pdf> Acesso em 24 set. 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

JUSSARA BELCHIOR. **Peso Bruto**. Disponível em: <<<https://www.jussarabelchior.com/sobre>>> Acesso em: 30 set 2017.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Corpo gordo em dança**: bailarina Jussara Belchior estreia solo "Peso Bruto" em Florianópolis. Disponível em: <<<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/lazer-e-cultura/noticia/2017/04/corpo-gordo-em-danca-bailarina-jussara-belchior-estrela-solo-peso-bruto-em-florianopolis-9774764.html>>> Acesso em: 30 set 2017.

LAMPERT, Jocielle. **Entre paisagens ou sobre 'ser' artista professor**. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/21969486/Entre_paisagens_ou_sobre_ser_artista_professor> . Acesso em: 09 out. 2017.

LEITE, Vanessa Caldeira. **Olhares distraídos, corpos pulsantes**: Ensino de arte e a constituição do corpo. 111p. Dissertação (Mestrado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Pelotas, RS-Pelotas, 2009. Disponível: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp101663.pdf>> Acesso 28 set. 2017.

Lopes Neto AA. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatr (Rio J). 2005;81(5 Supl):S164- S172. Disponível em <http://www.uff.br/saudecultura/encontros/Bullyng.pdf>.> Acesso em: 24 set. 2017.

Lopes Neto, A. A; Saavedra, L.H. (2003). **Diga não para o bullying**. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA.

McCARTHY, D. Arte pop. Tradução: Otacilio Nunes. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. ROLNIK, S. 1997. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva. **Corpo e Beleza** – Pautas nos discursos da contemporaneidade. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Vol.9. No 9. 2001. ISS1414-722x. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/.../570/9842 Acesso em 20 de out. de 2017.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2005.

QUEIROZ, GLÓRIA REGINA PESSÔA CAMPELLO. Processos de formação de professores artistas-reflexivos de física. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 22, n. 74, p. 97-119, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302001000100007>.

SANTA CATARINA: **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Formação Integral na Educação Básica. Disponível em: <http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf>. Acesso em: 25 set 2017.

Silva, Ana Beatriz (2010). **Bullying**: Mentas perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva

SCHUBERT, Claudio. **A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional**. In: Divisão Temática Interfaces Comunicativas do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região sul. Blumenau, 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1303-1.pdf>> Acesso em: 20 set. 2017.

TARDIF, M. & LESSARD, G. **Le travail enseignant au quotidien**. Laval: Les Presses de L'Université Laval, 1999.

TOGNETTA, L. R. BOZZA, Thais Leite. **Cyberbullying: quando a violência é virtual - Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes**. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira.

Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade.
Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/semviolar/anais/Anais-ISemViolar.pdf>
Acessado em: 12. out. 2017.

APÊNDICE(S)

**APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA,
ESCRITA.**

	<p align="center">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
_____(PROFISSÃO), _____ portador(a) da
carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
(NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Priscilla da Silva
Reinert do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Katiúscia
Angélica Micaela de Oliveira para que o mesmo os disponibilize como dados da
pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1) Como você professora de Artes em atuação e formação já trabalhou o corpo feminino nas aulas de arte?

2) O termo *Bullying* é utilizado para representar a violência constante tanto verbal quanto física que uma pessoa pode sofrer, dentro da Escola ou fora dela.

A partir de suas vivências na sala de aula, como professora de artes, você já presenciou ou foi vítima de alguma cena que possa ser considerado Bullying? Se sim, como você reagiu? Você tomou alguma atitude?

3) Nos dias atuais devido aos padrões midiáticos imposto na televisão e internet, por exemplo impondo o corpo ideal e aceito, percebemos uma série de pessoas com auto estima afetada pela sociedade. Em sua opinião como Professor de Artes pode contribuir através da arte para uma melhor compreensão sobre respeito e aceitação do corpo de cada indivíduo?